ENTREVISTA
PATRICIA AUDI, do RenovaBR: "Lula terá o apoio necessário para aprovar as reformas"

O COMBUSTÍVEL DE HADDAD
Ministro da Fazenda consegue primeira vitória no campo fiscal ao reduzir subsídios. Mas mercado irá cobrar controle de gastos

ESCRAVOS DO VINHO
Após resgate de trabalhadores em condições desumanas, setor cria medidas para conter danos

ISTOÉ Dinheiro
TRÊS

A RECEITA DA SUZANO PARA LUCRAR R$ 23 BI

SOB O COMANDO DO EXECUTIVO **WALTER SCHALKA,** A COMPANHIA LÍDER EM PAPEL E CELULOSE NO PAÍS REPORTA EM 2022 GANHOS **171% ACIMA DO PERÍODO ANTERIOR.** ENTENDA AS RAZÕES QUE LEVARAM A ESSE DESEMPENHO E CONHEÇA OS PROJETOS QUE IRÃO GARANTIR **O FUTURO DA EMPRESA E DO PLANETA**

O FÔLEGO DE HADDAD

Foi uma batalha épica entre a responsabilidade econômica e o interesse político. Venceu a sensatez. O ministro Fernando Haddad, que vem se mostrando completamente comprometido com o equilíbrio fiscal, ganhou força para a cruzada. É evidente que ainda terá de realizar um complexo malabarismo de entendimentos nessa toada de reoneração dos combustíveis. O tema desperta paixões. O consumidor, mesmo sabendo da necessidade da cobrança de impostos, acostumou-se com as vantagens da isenção, muito embora ela tenha sido movida pela esperteza dos interesses eleitoreiros de um certo capitão. Haddad, em meio ao confronto para fazer valer a lógica, chegou a ser fritado em público pelos próprios correligionários do PT, a começar pela presidente do partido, Gleisi Hoffmann, que o desancou abertamente. Em jogo, mais de R$ 28 bilhões para os cofres necessitados do Estado, somente neste ano. Mesmo que figure como vilão junto à maioria, o ministro da Fazenda conseguiu decerto marcar terreno. Na compensação pela jogada nada simpática, a Petrobras reduziu o preço da gasolina e do diesel nas refinarias, atenuando o impacto da medida da volta dos impostos. Na prática, não dava mais para os entes federativos seguirem fechando a conta sem as contribuições dos tributos devidos no setor. A redistribuição gradativa dos impostos foi alternativa inteligente e, de alguma forma, alvissareira, priorizando o apoio a fontes renováveis. A competitividade do biocombustível é vital nos dias de hoje, especialmente para o Brasil, que tem amplo know how no assunto. Na cadeia dos combustíveis, a eventual remarcação do diesel mexeria perigosamente com a categoria dos caminhoneiros que, nos últimos tempos, sinalizou com o caos no País. Não seria o momento adequado para provocar outro ruído do tipo. O dilema entre revogar ou seguir com o desconto dos impostos foi resolvido da melhor maneira possível e mostrou não apenas inteligência do governo como habilidade do titular da Fazenda. O staff político do entorno do presidente acabou cedendo e reconhecendo a necessidade da austeridade fiscal. Foi derrotado, admitindo que não era mesmo hora de mais truques populistas — que, em geral, cobram seu preço logo adiante. Lula arbitrou com serenidade o veredicto. Sabe que tem muito a entregar e a provar para não ser novamente taxado de oportunista. O Brasil, todos sabem, estava vivendo uma ilusão, levado pelo casuísmo. Mesmo o risco de salto da inflação com o encarecimento da gasolina — que pesa sobremaneira na cesta básica — terá um efeito colateral menor comparado ao do rombo gigante que se prenunciava no setor público. Nas distribuidoras, o alerta é de que a reoneração desigual pode gerar distorções na cadeia e eventuais ameaças de oferta. No pano de fundo desse processo, o governo estuda mudar a política de preços da Petrobras como um todo. Ainda não existe consenso nesse sentido, nem na forma como seria feita a nova política. Mas agentes setoriais também defendem que se encontre uma fórmula alternativa e menos vinculada às variações e humores do mercado internacional. É assunto para uma próxima etapa e Haddad deve conduzi-lo com mais fôlego.

Carlos José Marques
Diretor editorial

 | FOTOS: PEDRO LADEIRA / FOLHAPRESS | CLAUDIO GATTI | MAURO PIMENTEL / AFP | MARCUS

Índice

CAPA Foto: Claudio Gatti

Dinheironasemana

POR EDSON ROSSI

ATIVO, ATUANTE

Bolsonaro a mil no Telegram

Alexandre de Moraes pode ficar doido da vida, mas com o Telegram o papo é outro. E o app de mensagens virou o cercadinho digital preferido do autoexilado Jair Bolsonaro. As postagens diárias do ex-presidente mostram um cara em campanha permanente. Na mais recente, da terça-feira (28), ele comemorava os dados de queda do desemprego. E na sequência citava outros três pontos: dois positivos (para ele) — redução de IPI de 4 mil produtos e recorde de arrecadação — e um negativo (para o atual governo) — o aumento do preço dos combustíveis. A mensagem teve até quarta-feira (1) 11,2 mil curtidas, 2,7 mil aprovações e 2,1 mil aplausos. JB tem 2,7 milhões de seguidores no Telegram.

BRASIL-IL-IL

Comandante diz o que pensa de Lula... E não é boa coisa

Se alguém tem dúvida do quanto os militares brasileiros não estão com Lula, ou mostra burrice ou má-fé. A mais nova prova partiu do atual comandante do Exército, general **Tomás Ribeiro Paiva**. Ele disse a subordinados que a eleição de Lula foi "indesejada" pela maioria dos militares, mas "infelizmente" ocorreu e precisa ser respeitada. O motivo? "Não dá para falar com certeza que houve qualquer tipo de irregularidade." Ou seja, para Paiva existe a brecha de que possa ter havido irregularidade. Mesmo assim, ele afirmou que fraude não houve. A matraca solta ocorreu em reunião com oficiais no dia 18 de janeiro e foi revelada segunda-feira (27). Deveria ser uma reunião fechada e o general pediu que não fosse gravado. Foi desrespeitado, numa mostra de que nem quem está perto o respeita. O áudio acabou divulgado pelo podcast Roteirices. Ele afirmou ainda que um golpe não daria certo. "O nosso povo viveria as consequências. Teria sangue na rua." Para Paiva, seria impossível do ponto de vista legal fazer uma "intervenção militar com Bolsonaro no poder".

MERCADO DE TRABALHO

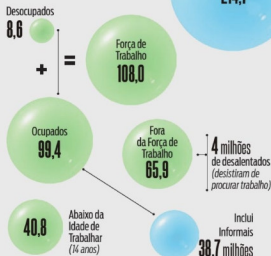
DESEMPREGO CAI A 7,9%

Se o legado fiscal deixado por Jair Bolsonaro pode ser considerado uma encrenca gigante, do ponto de vista do mercado de trabalho o soberano Lula III não poderá reclamar tanto do antecessor. O trimestre encerrado em dezembro de 2022 fez a taxa de desocupação cair para 7,9% — menor índice para o período desde 2014. Ainda são 8,6 milhões de pessoas sem trabalho, mas a curva voltou à casa de um dígito, o que não acontecia desde que, sob Dilma Rousseff, ela estourou e teve o ápice na pandemia. Na média anual, a taxa em 2022 foi de 9,3%, a menor desde 2015. Claro que nem tudo são flores, sobretudo num País que patina há uma década. A população trabalhadora informal, por exemplo, é recorde e bateu em 38,6 milhões de brasileiros.

DESOCUPAÇÃO 4º TRI

série histórica *(em %)*

*Barreira dos dois dígitos rompida, sob Dilma Rousseff, no trimestre dez-jan-fev.

DESOCUPAÇÃO POR REGIÃO

CORTES

Layoff chega às montadoras

Na terça-feira (28), a agência Reuters veiculou reportagem sobre a decisão da General Motors de cortar centenas de cargos de todos os níveis, incluindo executivos, numa tentativa de reduzir custos e simplificar as operações. Oficialmente, não há números e a empresa não trata como cortes. O diretor de Pessoal da GM, Arden Hoffman, disse em uma carta aos funcionários que a montadora está "comprometida com US$ 2 bilhões em economia de custos nos próximos dois anos, o que encontraremos reduzindo despesas corporativas, despesas gerais e complexidade em todos os nossos produtos". Para a companhia, no ambiente atual "as margens de nossos concorrentes estão melhorando e é imperativo que ajamos agora e nos concentremos em nossa própria eficiência".

-3,5%

QUEDA DAS EXPORTAÇÕES DE MERCADORIAS DO G20 NO 4º TRIMESTRE DE 2022 EM RELAÇÃO AO 3º TRIMESTRE, REFLETINDO A FRACA DEMANDA GLOBAL

"NÓS CONSERVADORES [LIBERAIS] ODIAMOS O DESEMPREGO"

MARGARET THATCHER
(1925-2013)
EX-PRIMEIRA-MINISTRA INGLESA

"DESEMPREGO SEVERO É PRODUZIDO PELA MÁ ADMINISTRAÇÃO DO GOVERNO E NÃO POR QUALQUER INSTABILIDADE INERENTE DA ECONOMIA PRIVADA"

MILTON FRIEDMAN
(1912-2006)
PRÊMIO NOBEL DE ECONOMIA DE 1976

BRASIL-IL-IL 2

Partido novo, velha política

Aquele blá-blá-blá transformador era apenas isto: bla-blá-blá. O Partido Novo, que se orgulhava de não usar verba pública para existir — o que deveria ser regra, aliás — acaba de jogar no lixo sua oposição ao tema. Até o candidato a presidente pelo partido em 2022, Luiz Felipe d'Avila, que chamava o uso do Fundão Eleitoral de "excrescência" e "indecência", mudou de ideia. Na terça-feira (28), o Novo decidiu que vai usar os rendimentos do Fundão. A mudança, segundo o partido, é fundamental para "a democracia interna, a competitividade e a expansão da sigla no atual contexto da política brasileira" — seja lá o que isso signifique.

FOTOS: CHANDAN KHANNA / AFP | AP

POR HUGO **CILO**

MEIO BILHÃO DE REAIS RUMO AO SUL

Uma das maiores incorporadoras de luxo do Sul do Brasil, a curitibana AG7 vai estrear no mercado catarinense neste mês. Sob comando do herdeiro e CEO **Alfredo Gulin Neto**, a empresa adquiriu uma área de 12 mil m^2 na Praia do Estaleirinho, em Balneário Camboriú, onde começará a ser erguido um complexo imobiliário de meio bilhão de reais em Valor Geral de Vendas. O projeto receberá, segundo Gulin Neto, R$ 282 milhões em investimentos e tem previsão de lançamento para 2024. "Executaremos o projeto respeitando nosso propósito de inspirar as pessoas a viver bem", afirmou o empresário. O novo projeto terá assinatura de Isay Weinfeld, um dos mais renomados arquitetos brasileiros, responsável por empreendimentos do Grupo Fasano, como o de Punta del Este, Porto Feliz e Trancoso, além do Centro Cultural Midrash, no Rio de Janeiro, e o Square Nine Hotel, em Belgrado. **"Como a região permite edificações de apenas três pavimentos, trataremos o projeto seguindo a escala humana, respeitando o entorno e fazendo os moradores se sentirem em uma casa"**, afirmou o CEO.

INVESTIMENTO DE **QUINTA GRANDEZA**

UMA DAS MAIS RECENTES MODALIDADES DE INVESTIMENTO É A ENERGIA SOLAR. ALÉM DE SER UMA FONTE RENOVÁVEL, O SETOR SE TORNOU UM INVESTIMENTO COM ALTA RENTABILIDADE E SEGURANÇA. SEGUNDO O DIRETOR DA TEK TRADE, SANDRO MARIN, OS FUNDOS LIGADOS A ESSE MERCADO TIVERAM RENTABILIDADE MÉDIA DE 22% NOS ÚLTIMOS 12 MESES. "COMO O BRASIL É PRIVILEGIADO COM ALTA INCIDÊNCIA DE IRRADIAÇÃO DE LUZ NATURAL, AS FAZENDAS SOLARES SE TORNARAM UM MERCADO QUE TEM APRESENTADO GRANDE CRESCIMENTO, POIS GARANTE RETORNOS ANUAIS SUPERIORES A 20% DO VALOR INVESTIDO, SEM SE EXPOR AOS RISCOS DO MERCADO FINANCEIRO", AFIRMOU. EM POUCO MAIS DE DEZ ANOS, O SETOR JÁ TROUXE AO BRASIL MAIS DE R$ 125 BILHÕES EM INVESTIMENTOS E GEROU EM TORNO DE 750 MIL EMPREGOS, SEGUNDO DADOS DA ABSOLAR.

RANDON PUXA OS RESULTADOS

O grupo gaúcho Randon alcançou em 2022 a maior receita líquida em 74 anos de história. Foram R$ 11,2 bilhões, o que representa alta de 23% na comparação com o ano anterior. As receitas no exterior atingiram US$ 436 milhões, aumento de 40% em relação a 2021. A empresa atribui o bom resultado a diversificação dos negócios, novos mercados, aumento de portfólio e aquisições.

ONDA DE OTIMISMO

O BRASILEIRO APRENDEU A DESVINCULAR O SUCESSO PESSOAL DO DESEMPENHO DA ECONOMIA. UMA PESQUISA FEBRABAN E DO IPESPE COM 2 MIL PESSOAS MOSTRA QUE A POPULAÇÃO ESTÁ MAIS OTIMISTA DA PORTA PARA DENTRO DO QUE COM O PAÍS

73% acreditam que a vida vai melhorar em seus aspectos pessoal e familiar em 2023

53% acham que o Brasil vai melhorar neste ano

43% preveem que ficará igual ou pior

SOBRE O GOVERNO LULA...

49% acreditam que a gestão será ótima ou boa em 2023

28% classificam o governo como ruim ou péssimo

27% fazem uma avaliação regular das primeiras semanas da nova administração

 | FOTOS: MARIANA ALVES FOTOGRAFIA | ANDRE PORTO | JOHN CALDEIRA | DIVULGAÇÃO

KAMINO DE **R$ 4 BILHÕES**

A fintech Kamino, especializada em crédito para startups, acaba de superar R$ 4 bilhões movimentados em sua plataforma, desde a criação, em 2021. Com o uso de inteligência artificial, a empresa automatiza o planejamento financeiro, a gestão e a execução de pagamentos. Segundo **Gonzalo Parejo**, CEO da Kamino, em tempos de incertezas é importante que os empreendedores tenham uma visão clara de seu fluxo financeiro. "O aumento global na taxa de juros diminuiu os investimentos de venture capital. Isso faz com que o caixa seja cada vez mais sagrado", afirmou.

TANURE É DESCONECTADO DA **TIM**

O empresário baiano **Nelson Tanure**, conhecido por investir em empresas em dificuldades, como Gazeta Mercantil, Jornal do Brasil e a operadora Oi, sofreu um revés histórico no último dia de fevereiro. A Justiça determinou a penhora de ações da TIM Brasil que pertencem a ele, a pedido da AJR Financial Securitizadora de Crédito S/A. Motivo: uma dívida de R$ 102 milhões. Procurada pela coluna, a TIM informou que não comenta o caso, por enquanto. Com a decisão judicial, a operadora será intimada a depositar no processo todos os dividendos que seriam destinados a Tanure, até que a dívida seja paga.

LUCRO NA **PIRATARIA**

Se é verdade que enquanto uns choram, outros vendem lenço, o aumento dos ataques digitais tem causado prejuízos, mas também gerado muitos negócios para as empresas do setor. Prova disso é a americana Veeam, especializada em recuperação e gerenciamento de dados com receita anual de US$ 1 bilhão e operações em 180 países. A subsidiária brasileira registrou crescimento de 40% em 2022 e alcançou 4 mil clientes, impulsionada pela demanda da Lei Geral de Proteção de Dados, segundo **José Leal Junior**, country manager no Brasil. "Nenhuma empresa está a salvo dos cibercriminosos."

PARE DE **SOFRER**

Não se trata de slogan da Igreja Universal. Parar de sofrer é o que a empresária **Carla Furtado** propõe no meio corporativo com o seu Instituto Feliciência, primeira organização dedicada exclusivamente a promover a satisfação na jornada profissional. Depois de constatar que 15% dos brasileiros têm a saúde mental afetada no trabalho, ela trouxe para o País o programa de Felicidade Interna Bruta (FIB), criado a partir de uma experiência do Butão, país pioneiro na implementação do conceito. Segundo ela, o FIB já impactou mais de 100 mil pessoas no Brasil. "As organizações não devem se distrair: temos um quadro importante de adoecimento mental Não venceremos apenas com habilidades pessoais." Hoje, Carla se divide entre comandar o instituto e a carreira acadêmica, atuando como pesquisadora e professora da Universidade Católica de Brasília, PUC-RS e o Instituto Albert Einstein.

MAIS **PREVISIBILIDADE** COM O CLIMA

A empresa holandesa Meteum está prestes a desembarcar no País para resolver um problema crônico: os erros das previsões meteorológicas. Com mais de 50 milhões de usuários no mundo, a companhia utiliza inteligência artificial para definir, com precisão, os efeitos climáticos em todo o mundo, especialmente em áreas de risco e de produção agrícola. Para o russo **Alexander Ganshin**, fundador do Meteum, a proposta é fornecer dados e informações confiáveis para que empresários e órgãos públicos se antecipem a eventuais intempéries do clima. "Nosso objetivo é fornecer às empresas locais tecnologia meteorológica precisa e contribuir para o desenvolvimento sustentável da região", disse.

O NÃO À XENOFOBIA BOLSONARISTA
A vitória de Lampião no Carnaval é uma resposta ao preconceito contra os nordestinos
ISTOÉ
A VOLTA DE UMA
LIDERANÇA
SEGUNDA-FEIRA, 20
O presidente suspende folga e sobrevoa a região do Litoral Norte de SP destruída pelas chuvas
Lula mobiliza seu governo para atender as vítimas das chuvas históricas em São Paulo, em contraste com o escárnio demonstrado por Jair Bolsonaro em outras tragédias. Como o Brasil vai voltando à normalidade de gestões responsáveis sob novo comando

"Lula terá o apoio necessário para aprovar as reformas"

A executiva que já atuou em grandes bancos e em órgãos do governo avalia que o presidente tem habilidade para negociar com o Congresso a aprovação das pautas mais urgentes para o País e afirma que a tentativa de golpe fortaleceu a democracia

Jaqueline MENDES

 FOTOS: CLAUDIO GATTI | AP PHOTO / ERALDO PERES

Nas últimas três décadas, a executiva Patricia Audi ocupou cargos de destaque em empresas privadas e em órgãos de governo. Formada em administração e especializada em gestão pública, passou por grandes bancos como Citibank e Santander, e ganhou destaque a partir de 1997, sob o governo FHC, quando assumiu o posto de Secretária do Programa Nacional de Direitos Humanos. Já nos anos 2000, ocupou a cadeira de diretora de benefícios do INSS com a missão de modernizar a Previdência Social. Foi ainda coordenadora nacional de um projeto que combatia a escravidão em território brasileiro, braço que faz parte da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Hoje no comando do RenovaBR, uma iniciativa de renovação política idealizada pelo empreendedor Eduardo Mufarej, ela diz ter encontrado uma forma diferente de contribuir para o País, num momento tão importante para a democracia. "Meu papel é ajudar com a experiência dos setores público e privado".

DINHEIRO — O Brasil é outro depois dos ataques de 8 de janeiro?

PATRICIA AUDI — Os atos de 8 de janeiro assustaram a todos, mas o mais importante foi verificar a reação das instituições a partir desse episódio. Os Três Poderes e a sociedade civil reagiram muito bem. Nossa democracia acabou fortalecida.

A reação foi positiva, na sua visão?

Sem dúvida. A reação contundente e a não aceitação de qualquer ato de barbárie deixou o País mais forte. A união dos governadores, empresários, sociedade civil. É uma rocha.

Mas uma parcela de empresários não aceitou a derrota do ex-presidente...

Estando na sociedade civil, não consigo enxergar isso. O que vi é que tivemos um presidente eleito pela maioria. Assim como nós, os empresários têm grande expectativa com relação ao desenvolvimento do País.

Se entre os empresários não é claro esse viés bolsonarista, no Congresso ele é evidente. Isso será um obstáculo para o governo Lula aprovar temas importantes, como as reformas?

O governo Lula foi eleito exatamente por conta da falta de desenvolvimento das promessas com relação às reformas. Então, a expectativa, não só minha como da sociedade civil, é que o Congresso abrace as propostas do governo e que dialogue. A volta do diálogo é um valor muito importante para a retomada da normalidade. Tem de retomar o diálogo porque a democracia e a boa política são feitas disso. De pessoas que têm opiniões diferentes, mas que se entendem.

> "Os atos de 8 de janeiro assustaram a todos, mas o mais importante foi verificar a reação das instituições a partir desse episódio"

Mas não foi isso o que se viu nos últimos quatro anos...

A construção de um país se dá exatamente a partir da falta de consenso. A partir das opiniões é que a gente consegue encontrar pontos comuns para construir uma nação. Nesse ponto, é o que os eleitores mais esperam do novo governo. Com a volta do diálogo entre governo e Congresso poderemos discutir um projeto de país, de desenvolvimento socioeconômico e uma nação mais igual.

Lula vai conseguir seduzir apoio da maioria no Congresso?

O governo tem habilidades para construir consensos no Congresso. Acredito que o Lula terá o apoio necessário para aprovar as reformas e as pautas mais importantes para o Brasil. Não vejo isso como dificuldade.

Quais foram os erros e acertos de Bolsonaro?

Não gostaria de fazer esse tipo de avaliação num ambiente tão polarizado. Se opinar, vamos perder a neutralidade, algo que para nós é tão caro. Nossas lideranças estão se qualificando da melhor forma possível. Ideologicamente, cada um toma sua decisão dentro do plenário.

Como presidente de uma entidade criada para promover a renovação na política, como avalia o Congresso eleito, que de renovação tem pouca coisa?

O Congresso atual tem mais ou menos o mesmo percentual de renovação das últimas eleições. A renovação é baixa, na média. Mais importante do que esse índice, e nisso entra a função do Renova, é garantir a qualidade dessa renovação. Cada vez mais a gente precisa ter políticos capazes de dialogar, de argumentar e de respeitar as diferenças. E mais, temos de incentivar parlamentares a buscar consensos a partir de dados, de evidências e da ciência. Assim, poderão tomar melhores decisões e fazer as melhores votações. Isso é o que espero. Mas entendo

também que essa é uma questão de amadurecimento. No Renova, também fazemos renovação política a partir do momento em que damos subsídios, fornecemos informações.

Mas os presidentes da Câmara, Artur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco, continuam os mesmos. Isso é bom?

A liderança deles foi importante no passado. E acredito que vai ser agora, de novo. A aprovação dessas pautas de unificação e daquilo que o governo entende como prioritário passa pelo diálogo deles com o governo. Essa é a boa política. Espero que a liderança deles continue produzindo esses efeitos positivos.

De que forma?

Dar instrumentos para que os políticos que já estão lá no Congresso também possam tomar as melhores decisões. Isso inclui debates de informações daqueles que tenham conhecimento das pautas que vão estar na agenda nacional e que vão ser relevantes no País.

Quando se fala em eficiência na gestão pública, logo se pensa em redução do Estado, mas essa não é uma bandeira de Lula. Qual sua visão?

Não posso dizer que o que Lula defende é um Estado maior e menos ineficiente. Não vejo isso. O Estado eficiente e a boa gestão pública precisam ser capazes de atender as demandas da sociedade. Não importa se é maior ou menor. Vejo que uma boa máquina pública precisa buscar essa eficiência. A gente viu muito pouco do novo governo. Não dá para avaliar. Alguns movimentos iniciais vi como positivos, entre eles a recriação de um Ministério do Planejamento.

Recriar ministério resolve?

Entendo que isso tem a ver com uma busca pela eficiência. Por isso não gostaria de entrar nesse debate do Estado maior ou menor. O Estado tem que servir à necessidade de desenvolvimento de uma sociedade e suas políticas públicas.

Na sua opinião, quais são os maiores desafios do governo Lula?

Um desafio importante é a pacificação do País em busca de pautas comuns. Mas a gente não tem como não citar a questão da educação e de uma política ambiental que recoloque o País na projeção internacional que merece. Temos um ativo econômico fundamental, que é a Amazônia. E temos o desafio de melhorar o ambiente de negócios, o acesso à saúde, diminuir a desigualdade e, principalmente, combater a pobreza e a fome. Tudo isso passa, obrigatoriamente, por construir consensos.

A guinada do Brasil na política externa, com um realinhamento com governos desafetos de Bolsonaro, pode resultar em benefícios no curto prazo?

Vai trazer benefícios sociais e econômicos no médio e longo prazo. Antes disso, o Brasil vai precisar retomar a posição, a cooperação, o diálogo e o protagonismo internacional que sempre teve. Mas não sei se existe um alinhamento político. Existem interesses comerciais e um alinhamento da América Latina com relação ao estabelecimento de relações que foram importantes no Brasil. Não vejo nisso um alinhamento ideológico ou político. O Brasil como país tem o dever de conversar e receber todos os países.

> "O Brasil vai precisar retomar a posição, a cooperação, o diálogo e o protagonismo internacional que sempre teve. Como país, tem o dever de receber todos os países"

Como diretora de uma escola de formação política, quais são as novidades da sua gestão?

A ideia não é mudar o que vinha sendo feito, mas amadurecer. A gente vai aprendendo, errando e fazendo... É essa nova fase do Renova. Existe um amadurecimento daquilo que a gente pode contribuir para a boa política. O objetivo é estimular a entrada de pessoas que nunca estiveram na política. Então, nosso trabalho é oferecer cursos para que essas pessoas possam se candidatar.

Mas o Renova também está ajudando políticos da ativa?

Sem dúvida, estamos fornecendo formação continuada àqueles políticos que têm interesse em se aperfeiçoar e ter mais conhecimento com relação a uma pauta específica. A Reforma Tributária, tão falada nos últimos anos, é um exemplo dessa demanda. A assistência pode ser com formação continuada para políticos que já se elegeram. A ideia é apoiar os alunos que exercem seus mandatos naquilo que eles entendem, contribuindo com informações fundadas, com pesquisas e com estudos. S

Conheça a história de Jonas Bressan, criador do método de inglês BEWAY

Professor Jonas Bressan é referência nacional no ensino de fluência no idioma.

Texto: Carolina Cerqueira

Natural de Orleans - Santa Catarina, Jonas Bressan é um professor de inglês que tem revolucionado o ensino de idiomas, mostrando que é possível sim ser fluente em inglês. Graduado em direito, o profissional foi criado por uma família de classe média baixa. Filho de uma funcionária pública que recebia um salário mínimo por mês, teve o curso de inglês pago pelo 13º da mãe, que dizia que era a única coisa que poderia lhe dar para incentivar a sua educação. Assim, aos 16 anos, por ser um aluno acima da média, Jonas foi contratado por essa mesma escola de línguas em que estudava. Quando completou 22 anos, tornou-se franqueado de uma das maiores escolas de inglês do mundo, adquirindo cada vez mais conhecimentos e competências para lecionar. Nesse período, formou-se em direito. Mas, decidiu realmente investir na sua verdadeira vocação: o ensino de línguas. Dessa forma, Jonas criou a sua própria metodologia e em 2019 abriu uma escola, a Beway Idiomas.

Após se tornar professor, ele notou que os alunos tinham aproveitamentos diferentes. Por isso, passou a se empenhar em descobrir o porquê desse fato. Realizando diversos experimentos, aplicou um conhecimento extremamente diferencial em seus alunos e eles passaram a obter um rendimento bem superior aos outros alunos que estudavam em outras escolas da época. *"Surpreendentemente, os resultados não tinham a ver com inteligência. Mas, na verdade, eram alguns hábitos que garantiam ótimos níveis de aprendizagem, memorização e segurança nesses alunos. Com o tempo, incorporei todos esses hábitos poderosos em uma única metodologia"*, pontuou o profissional. É muito comum que as pessoas tenham dificuldade em aprender outros idiomas, algumas delas têm frustrações porque já tentaram de tudo. Fizeram diversos cursos. No entanto, sentem que não aprenderam o idioma. Mas Jonas garante que a sua metodologia é capaz de mudar essa situação.

O método Beway é diferente de todos os demais. Ele é o único que trabalha a memorização, a fala e segurança de acordo com as necessidades reais dos alunos. Assim, por meio dele, o estudante de inglês adquire autonomia para viajar sem depender de ninguém, cresce academicamente (tendo a chance de estudar no exterior) e dentro do mercado de trabalho, conversa e faz negócios com pessoas do mundo inteiro. Além disso, com os conhecimentos adquiridos é possível que o aluno consiga ler o trabalho do seu autor favorito em sua língua original, assista filmes, programas de TV em inglês e sem legenda, conseguindo também cantar corretamente músicas em outro idioma. Jonas Bressan é autor de 9 livros, materiais que possuem os principais conhecimentos que adquiriu durante anos de experiência e em 2021, o profissional lançou um curso on-line, sendo considerado atualmente um dos melhores do país.

"Tenho por missão levar o ensino de inglês a todos", destacou o professor.

FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA
CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

ISTOÉ Dinheiro

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
CELSO MASSON

TEXTO
REDATOR-CHEFE: Edson Rossi
EDITORES: Ernani Fagundes, Hugo Cilo, Lana Pinheiro e Paula Cristina
EDITOR-ASSISTENTE: Beto Silva
REPORTAGEM: Angelo Verotti, Anna França, Bruno Andrade, Flávia Gianini, Jaqueline Mendes, Lara Sant'Anna e Victor Marques

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Oliver Quinto
ILUSTRAÇÃO: Evandro Rodrigues (chefe) e Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
EDITORA ASSISTENTE: Aryel Fernandes
REPÓRTERES: Bruno Pavan, Daniela Quitanilha, Diego Ferron, Edda Ribeiro
REPÓRTERES FREELANCERS: Rodrigo Faveto e Marcelo Almeida
WEB DESIGNERS: Alinne Souza e Thais Rodrigues

FOTOGRAFIA
Pesquisa: Sidinei Lopes
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala
Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
Diretora de marketing e projetos: Isabel Povineli
Assistente: Valéria Esbano - **Gerente Executiva:** Andréa Pezzuto - **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira -
Coordenadora: Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br
ARACAJU – SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 · Fax da redação: 11 3618 4109.
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP

ANER
www.aner.org.br

CARTAS, E-MAILS E REDES SOCIAIS

REPORTAGEM DE CAPA

Brasil, o País das apostas digitais

Temos que tomar cuidado com isso.

Regina Cezar

Agora só falta taxar. Cadê o imposto, senhor presidente?

Rui Ney

Amo! Sempre faço as minhas.

Emerson Figueiredo Mantelão

Toma lá dá cá, inevitável

Difícil esperar algo diferente quando o cenário e as personagens são iguais.

Bel Zozi

Como fica sem o Orçamento Secreto?

Cida Diniz

Essa é a política de "coalizão". Péssima.

Hamilton Ferreira Junior

"Minha missão é fortalecer os Correios e afastar a possibilidade de privatização"

Entrevista com Fabiano Silva

Que bom que ele está preocupado em melhorar o atendimento e agilizar os serviços.

Morena Loreta

Precisamos falar sobre o pós-atendimento inexistente dos Correios.

Alice Caetano

A empresa voltou a dar lucro. Espero que ele também esteja preocupado com isso.

Marta Vieira Costa

A corrida de Haddad e Campos Neto no G20

Inflação alta, juros altos. Vamos parar de pensar no remédio e começar a avaliar a causa da doença.

Cauê Henrique

O doce fermento do AB Brasil

Muito bom. Que o projeto de expansão gere emprego e renda!

Adriana Francisca

Os caminhos para o crescimento regional

Os governadores já sabem de tudo isso. Só falta aplicar.

Roseileide Mendonça Cara

O problema é a corrupção. Em todas as esferas, autarquias e meios públicos.

Sérgio Malta

Desmontagem de mais uma rede?

Móveis caros e qualidade duvidosa. A questão da Tok&Stok sempre foi essa.

Leo Pinheiro

O big bang do Flow

Muito mais profissional, inteligente e racional só com o Igor. Bela escolha.

Jefferson Soares

Valuation até 2025? Que risco, hein?

Guto Monteiro

Lixo: de problema a negócio escalável

Excelente! A natureza agradece.

Henrique Raggi

Fale conosco

Cartas para esta seção, com endereço, RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, ISTOÉ DINHEIRO, R. William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo - SP, CEP 05065-011. Acesse o portal **istoedinheiro.com.br** e comente os conteúdos nas páginas da ISTOÉ DINHEIRO nas redes sociais. **Facebook: @istoedinheiro; Instagram: @istoe_dinheiro, Twitter: @istoe_dinheiro; LinkedIn: IstoÉ Dinheiro.** Mensagens poderão ser editadas em razão de seu tamanho ou clareza.

POR LANA PINHEIRO

O MAPA ESG NAS EMPRESAS

'Como está a sua Agenda ESG?'. De tão pertinente e recorrente que se tornou em qualquer roda de conversa de negócios, a pergunta foi usada como título de pesquisa realizada pelo Pacto Global da ONU no Brasil em parceria com a Stilingue, plataforma de monitoramento digital com inteligência artificial, e com a consultoria Falconi. Os resultados evidenciam o que o senso comum já imaginava: apesar de o tema estar no discurso de grande parte das companhias no Brasil, há fortes indícios de que falta aterrisá-lo para a prática. De acordo com o estudo, 78,4% das 190 empresas respondentes afirmaram que já incluíram o ESG nas estratégias de negócios, mas somente 59,5% disseram alocar recursos para ações da área. Em outras palavras, de quatro empresas que falam que o assunto é parte do negócio, somente três estão colocando a mão no bolso para fazer algo efetivo. Vale a pergunta: há alguma área de fato importante para o C-level que não tenha verba alocada? A pergunta é retórica e a conclusão é que mesmo quando respondem um questionário para a ONU as empresas fazem greenwashing descaradamente. Para quem ainda não está convencido, outra evidência aparece no mesmo documento. E aqui vale outra pergunta para testarmos a acurácia do senso comum: qual é o principal motivo pelo qual as marcas investem em ESG? Se você respondeu por imagem, reputação, marketing ou qualquer coisa do gênero... voilà, você acertou. Para se ter uma ideia, enquanto essa foi a resposta para 70%, a otimização de recursos, que aparece em segundo, ficou com 35% das afirmações. É preciso evoluir do bom discurso para boas práticas ou parar de enganação e simplesmente colocar a agenda de lado.

78,4% das empresas incluíram ESG nas estratégias de negócio

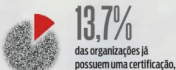
59,5% alocam ações ESG no orçamento

50% trabalham riscos ESG

13,7% das organizações já possuem uma certificação,

67,4% nunca sofreram nenhuma sanção por não trabalharem a agenda

OS MOTIVOS PARA TRABALHAR A AGENDA:

- **70%** Reputação e imagem
- **35,8%** Otimização de recursos
- **34,2%** Atração e retenção de talentos
- **33,2%** Acesso a novos parceiros/mercados
- **25,8%** Fidelização de clientes
- **24,7%** Acesso a recursos financeiros

TECNOLOGIA

AVALIAÇÃO **ESG GRATUITA**

Fintech com mais de 900 empresas em sua plataforma, a arara.io quer democratizar o ESG. Para alcançar o objetivo está lançando a GRS, Gestão de Risco e Sustentabilidade, ferramenta de avaliação climática preliminar e gratuita para pequenas e médias empresas que desejam iniciar jornada na agenda. Com uso de dados e IA, um relatório dos aspectos de sustentabilidade traz os tópicos com potencial de causar impacto, exposição a riscos, alinhamento e contribuição com a mitigação das mudanças climáticas do cliente. Além disso, a emoresa os conecta a instituições financeiras. "Buscamos atrelar boa reputação verde com facilidade de crédito, usando tecnologia e padrões ESG internacionais", disse **Felipe Gutterres**, CEO da arara.io.

"O BRASIL, ÚLTIMO PAÍS A ACABAR COM A ESCRAVIDÃO TEM UMA PERVERSIDADE INTRÍNSECA NA SUA HERANÇA, QUE TORNA A NOSSA CLASSE DOMINANTE ENFERMA DE DESIGUALDADE, DE DESCASO"

DARCY RIBEIRO, ANTROPÓLOGO *(1922-1997)*

US$ 1,164 trilhão

é o tamanho do mercado mundial de investimento de impacto. A estimativa é do Global Impact Investing Network (Giin).

INCLUSÃO

MAIS DE 100 TRANS COM EMPREGOS NOVOS

Vagas criadas com intencionalidade de incluir grupos minorizados dão resultado. Exemplo concreto é dado pela rede de saúde Dasa. A empresa fechou o ano passado com a contratação de 100 profissionais trans, mais do triplo de 2021 quando outros 32 profissionais da comunidade entraram para a empresa. Com a diversidade, a companhia espera melhorar os negócios ao atingir a ponta. "Uma empresa representativa é fundamental para que os usuários da nossa rede integrada de saúde se sintam vistos e compreendidos", disse o diretor-geral de Pessoas e Cultura, **Fábio Rosé**. Também em 2022, a empresa contratou 250 pessoas com deficiência e 67 negros para cargos de liderança.

Papo Responsável

Fundador do Greentech Business, **Tiago Brasil Rocha** se uniu a outros sócios para criar o Greentech Angels. O objetivo é fortalecer ainda mais o ecossistema de inovações verdes.

A empresa
"A Greentech Business nasceu com o firme propósito de ajudar os empreendedores a crescerem de uma forma estruturada com tecnologias sustentáveis. Esse é um problema crítico não só no Brasil, mas no mundo todo. A demanda superou as expectativas e hoje temos mais de 130 empresas na plataforma"

O fundo
"Com uma procura de startups maior do que a que podíamos atender, resolvemos criar o Greentech Angels, o primeiro grupo de investidores-anjos focado em tecnologias de impacto sustentável. A iniciativa levantou valor de R$ 3,6 milhões e reúne 12 investidores"

A Investida
"O nosso primeiro investimento foi na a Energy Source - energy tech brasileira que tem uma solução completa para o reuso, reciclagem e reparo para baterias de lítio. Por meio de um software proprietário, são capazes de reutilizar as baterias descartadas no primeiro ciclo de vida, além de reparar ou reciclar as que não podem ser reutilizadas"

Meta
"Queremos investir em até cinco startups/scale-ups até o fim de 2023 priorizando aquelas que desenvolvam soluções para os grandes problemas climáticos"

INFOGRÁFICO: EVANDRO RODRIGUES | FOTOS: DIVULGAÇÃO

MINISTRO OBTÉM VITÓRIA RELEVANTE NA BRIGA DOS COMBUSTÍVEIS. APESAR DE BEM RECEBIDA PELO MERCADO, BATALHA FOI SÓ A PRIMEIRA NA GUERRA PELA POLÍTICA FISCAL

O COMBUSTÍVEL DE HADDAD

Paula CRISTINA

 FOTO: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Há um ditado japonês, sem origem definida, que diz "se quiser esquentar uma rocha, sente-se nela por 100 anos". Isso significa que é preciso ter paciência antes de travar certas batalhas, mas é necessário que essa espera seja feita com algum tipo de ação capaz de mudar o cenário inicial. E esse parece ter sido o guia para Fernando Haddad, ministro da Fazenda, na queda de braço sobre a desoneração dos combustíveis. Lá em janeiro a primeira batalha foi perdida e pareceu até um pouco vergonhosa para aquele que seria o homem forte de Lula. O presidente defendeu publicamente os subsídios promovidos pelo seu antecessor, contrariando a visão do chefe da economia. Por dois meses Haddad preparou o terreno. Discutiu formas de compensar a arrecadação, alinhou um projeto com a Petrobras, fomentou um discurso ambiental e de quebra ainda armou a cama para pressionar o Banco Central pela redução da Selic. Um gol importante do ex-prefeito de São Paulo e que rendeu a ele pontos no governo e a redução (ainda que temporária) do tom de críticas do mercado à sua gestão. "Todas as nossas medidas visam um ambiente propício para redução dos juros e estímulo da atividade econômica", afirmou ele à DINHEIRO.

Mas a história de Haddad e os combustíveis começa bem antes do anúncio da terça-feira (28). Com a autonomia do BC e as projeções de um PIB fraco, na transição Haddad já dizia aos interlocutores que a meta era enfrentar o déficit fiscal e que a desoneração foi uma ação eleitoreira de Bolsonaro em tempos de corrida eleitoral e difícil de mudar sem afetar a opinião pública. Sua equipe, então, começou a discutir os caminhos não apenas para substituir a receita perdida com combustíveis, mas elevá-la a ponto de sustentar os gastos desejados por Lula (tudo isso perseguindo a redução do déficit). Imposto por transação digital? Taxar exportações? Desonerar parte do agronegócio? Rever os benefícios setoriais em zonas específicas? Tributar apostas on-line? Tudo isso foi avaliado no pente-fino dos benefícios financeiros x custo político. Feito isso, a decisão de Haddad não foi nem radical, como defende a base no governo no Congresso (em especial a presidente do PT, Gleisi Hoffmann), nem tão liberal quanto queria a ministra Simone Tebet.

Sobre os combustíveis foi mantida a desoneração do diesel, GLP e gás natural até o final do ano. Para os automóveis, o imposto da gasolina fica agora em R$ 0,47 e o do álcool, R$ 0,02 por litro. Segundo estimativas do Ministério da Fazenda, serão R$ 28 bilhões a mais arrecadados ao ano. Também foi criado um imposto para exportação de petróleo cru (+ R$ 4,8 bilhões arrecadados nos quatro meses de vigência, segundo cálculos da XP).

O PAPEL DA PETROLEIRA Orquestrado enquanto passava seu período sentado na rocha, Haddad desenhou um plano redondo. Esperou que Jean Paul Prates assumisse o comando da Petrobras. Quando ele o fez, os dois olharam a curva do barril de petróleo. Depois de maio de 2022 (quando ultrapassou a barreira dos US$ 115 o barril Brent) o combustível só caiu. A última vez que bateu US$ 90 foi em 17 de novembro, e daí em diante seguiu na casa dos US$ 85. A última redução de preço promovida pela política de paridade internacional (que altera o valor do líquido na bomba de acordo com a oscilação do mercado internacional) foi em 7 de dezembro. E não foi sem razão. No mesmo dia do anúncio da retomada do imposto, a Petrobras anunciou redução de R$ 0,13 por litro da gasolina. Assim o impacto caiu no bolso (e na opinião pública).

E isso aconteceu um dia antes de a petroleira anunciar o maior lucro da história de uma empresa brasileira (R$ 188,2 bilhões no ano passado). O resultado fortalece a empresa e abre caminho para o segundo ponto envolvendo a estatal: o pagamento de dividendos. Durante o governo Bolsonaro os esforços em redução de custos da empresa eram revertidos em enormes dividendos aos acionistas (R$ 110 bilhões em 2022, o segundo maior valor do mundo, segundo a Janus Henderson). O então ministro da Economia, Paulo Guedes, queria reforçar o caixa do Tesouro — a União é o maior beneficiário dos dividendos. Agora, o plano é rever os pagamentos. Uma das alternativas seria a criação de uma reserva estatutária para reter até R$ 0,49 em dividendo por ação. Na quarta-feira (1), a empresa anunciou o pagamento em 2023 de dividendos de R$ 2,74. Reter R$ 0,49 disso faria o montante chegar a R$ 6,5 bilhões, segundo a empresa.

VOLTAR A INVESTIR
Governo quer que Petrobras volte a usar parte de seu dividendo este ano em desenvolvimento e pesquisa

FOTO: MAILSON PIGNATA

Fernando Nogueira Lopes, consultor e ex-secretário de Políticas Energéticas do Estado do Rio de Janeiro, disse que já era hora de fazer essa discussão. "O interesse do governo é deixar essa distribuição mais próxima do que é pago no mundo", disse. Hoje as empresas de capital aberto são obrigadas por lei a pagar 25% de seus lucros em dividendos. A Petrobras chegou a pagar 60% no governo passado. "Esse valor impede a empresa de investir em pesquisa, desenvolvimento e fazer o dinheiro circular", disse.

A REAÇÃO DO MERCADO Com toda a medida orquestrada, a reação do mercado com a jogada do Haddad foi positiva. Guilherme Loures, economista e gerente de Renda Variável na WIT Invest, afirmou que a decisão mostra o comprometimento do governo em fomentar o combustível vegetal, taxando o fóssil, em linha com práticas internacionais. Mesmo assim, é preciso que haja mais iniciativas.. "É uma tentativa de aumentar a arrecadação frente ao rombo já projetado. Ajuda, mas não resolve", afirmou. O coro do mercado é que o caminho eficiente são as reformas tributária e administrativa, além de uma âncora fiscal que persiga o superávit com métricas plausíveis e que não impeça o País de crescer.

O mercado também ficou atento ao aumento do imposto para exportação de petróleo cru. Para Loures, mesmo temporária, a medida é impopular. Apesar disso, ele entende que essa foi uma ferramenta do governo para estimular a redução da taxa de juros. "Haddad deixou um recado para o BC. Aumentar a arrecadação é reduzir a incerteza fiscal, a expectativa de inflação no longo prazo, e, assim, a taxa de juros", disse.

GLEISI X HADDAD Determinada a retomada de parte os impostos dos combustíveis, Haddad conseguiu adiar por algum tempo um conflito que potencialmente deve se estender ao longo do governo. A relação do ministro nunca foi das melhores com a deputada federal, e presidente do PT, Gleisi Hoffmann, que foi publicamente contrária à medida. Sobre isso, Haddad se limitou a dizer que a palavra final cabe ao presidente Lula, que atua como um juiz de arbitragem nesse tipo de situação. E se à primeira vista essa articulação parece um problema crescendo no PT, internamente é uma estratégia para agradar gregos e troianos. Lula precisava deixar que Haddad se mostrasse ao mercado e evidenciasse sua relevância nas decisões econômicas e sinergia com algumas das pautas do mercado financeiro.

Ao longo de seus 60 dias de governo, Lula não mediu palavras para fritar o Banco Central, reclamou da mão invisível do mercado, questionou banqueiros. E Haddad parecia interferir pouco, cabendo a ele apenas tentar colocar panos quentes em eventos públicos. "Na verdade, Haddad deu um passo para trás para pegar impulso", disse um assessor próximo ao ministro. E esse impulso virá em algumas frentes. Guilherme Mello, secretário de Política Monetária da Fazenda é quem está coordenado esse booster previsto para os próximos meses. "Estamos trançando projetos que conversem com as tendências mundiais. Queremos um Estado moderno e condizente com a nova economia", disse Mello.

Segundo o secretário, além de colocar o projeto da nova âncora fiscal e reforma tributária e pensar em novas fontes de arrecadação, há um esforço transversal com outros ministérios para mitigar inconsistências. No Bolsa Família, por exemplo, Haddad estima ser possível economizar R$ 20 bilhões com gastos indevidos. Há ainda medidas de revisão de desonerações e revisão de contratos sem licitação ou citados pelo TCU. O resultado de um esforço de quem exerceu a paciência oriental de sentar na rocha até que ela esquentasse. S

NA PONTA DO LÁPIS

Previsão de gastos ou perdas de receita com medidas do governo e potenciais novas fontes de arrecadação

DINHEIRO QUE SAI	
Nova tabela do IR	R$ 6 bilhões
Novo Bolsa Família	R$ 140 bilhões
Novo salário mínimo	R$ 4 bilhões
Reajuste Capes	R$ 2,4 bilhões
Reajuste de servidores	R$ 11,2 bilhões

DINHEIRO QUE ENTRA	
Fim da desoneração do combustível	R$ 28,9 bilhões
Imposto em apostas on-line	Entre R$ 2 bilhões e R$ 6 bilhões
Imposto exportação de petróleo cru	*R$ 4,8 bilhões
Passivos tributários no Carf	**R$ 100 bilhões
Irregularidades no Bolsa Família	R$ 20 bilhões

Fontes: Carf, Portal da Transparência, Ministério do Planejamento, IPEA e Banco Central, IFI

*Em quatro meses **Valor estimado por ano, caso a MP seja aprovada como está no Congresso

 INFOGRÁFICO: EVANDRO RODRIGUES

O RESGATE DE 207 TRABALHADORES MANTIDOS EM CONDIÇÕES ANÁLOGAS À ESCRAVIDÃO DURANTE A COLHEITA DE UVAS NA SERRA GAÚCHA CRIA NÓDOA NA IMAGEM DE EMPRESAS QUE DEVERIAM ENTENDER A IMPORTÂNCIA DAS BOAS PRÁTICAS ESG. ENTIDADES LANÇAM COMPROMISSO PELO TRABALHO DIGNO

Celso **MASSON**

VINHO TINTO DE SANGUE

A ação conjunta da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e do Ministério Público do Trabalho que em 23 de fevereiro conseguiu resgatar 207 pessoas mantidas em condições análogas à escravidão enquanto trabalhavam para vinícolas da região gaúcha de Bento Gonçalves turvou a reputação da indústria do vinho no Brasil, em especial a do Rio Grande do Sul, estado que concentra a maior parte da produção nacional. Os relatos dos trabalhadores, quase todos contratados na Bahia como mão de obra temporária para o período da safra de uvas da Serra Gaúcha, revelam a crueldade a que foram submetidos. Sob ameaça de armas, eles eram impedidos de deixar de seus alojamentos até quitar dívidas contraídas para adquirir itens básicos como água e produtos de higiene pessoal. Alguns afirmaram à polícia que sofreram castigos físicos, com choques elétricos, uso de spray de pimenta e surras de cassetetes e cabos de vassoura. Forçados a trabalhar em turnos que iam das 4h às 21h, receberam alimentos estragados nas refeições. Coordenador do projeto de combate ao trabalho escravo no Rio Grande do Sul, Henrique Mandagará afirmou que "o nível de agressão física contra os trabalhadores foi o que chamou mais a atenção". Uma situação terrível, vergonhosa — e que poderia ter sido evitada.

Segundo as investigações do Ministério Público do Trabalho, as vítimas foram atraídas por falsas promessas de remuneração de até R$ 4 mil mensais feitas pela empresa Fênix Serviços Administrativos e Apoio à Gestão de Saúde Ltda, sediada em Bento Gonçalves, capital nacional do vinho. Ela recrutava candidatos em cidades baianas. O empresário baiano Pedro Augusto de Oliveira Santana, dono da Fênix, foi detido na operação. Pagou fiança de R$ 40 mil e responde em liberdade. Sua empresa terceiriza trabalhadores para a centenária vinícola Salton, além de duas das maiores cooperativas do setor no País, a Aurora e a Garibaldi, ambas criadas em 1930 e que garantem o sustento de milhares de famílias de pequenos produtores de uva. E é aí que a história fica mais complicada. Acusar Santana de ser o responsável por manter

FOTO: MONTAGEM SOBRE FOTO ISTOCK

IMAGEM AFETADA
Sede da vinícola Salton, em Bento Gonçalves (RS). A empresa que projeta faturar R$ 500 milhões este ano afirmou que o episódio foi um caso isolado e que tem prestado todo apoio às autoridades

trabalhadores escravizados não isenta de responsabilidade quem o contratou. A negligência, nesse caso, se torna conivência. Na segunda-feira (27), o ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, convocou uma reunião extraordinária da Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo para apurar o caso.

ESTADO E IGREJA Enquanto as vítimas eram acolhidas pelos serviços sociais e retornavam às suas casas, a repercussão do escândalo ganhou contornos ainda mais lamentáveis. Depois de viver dias de inferno, os trabalhadores foram acusados de ter culpa pelo tratamento recebido. Em discurso na Câmara de Caxias do Sul (RS), o vereador Sandro Fantinel (Patriota) afirmou que a situação foi causada pelo fato de serem baianos: "A única cultura que eles têm é viver na praia tocando tambor. Era normal que se fosse ter esse tipo de problema. E que isso sirva de lição". O partido disse ter expulsado o vereador pela declaração. Mas essa não foi a única tentativa de justificar os maus tratos. Uma nota divulgada em caráter oficial pelo Centro da Indústria, Comércio e Serviços (CIC) de Bento Gonçalves atribui a culpa à política de transferência de renda do governo federal: "Há uma larga parcela da população com plenas condições produtivas e que, mesmo assim, encontra-se inativa, sobrevivendo através de um sistema assistencialista que nada tem de salutar para a sociedade."

Até a Igreja Católica se manifestou, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). "Qualquer tipo de trabalho em condições que ferem o respeito pela dignidade humana não pode ser aprovado. Todas as denúncias devem ser investigadas nos termos da lei", afirmou a CNBB em nota, que prossegue com uma advertência para as paróquias sobre a escolha de fornecedores de vinhos: "É recomendável que se busquem, para a celebração da missa, vinhos de proveniência sobre as quais não existam dúvidas a respeito dos critérios éticos na sua produção". Isso vale para todos os consumidores da bebida. Não é aceitável compactuar com práticas que aviltam a dignidade humana. De acordo com o fundador e CEO da Humanizadas Pedro Paro, especialista em avaliação ESG baseada em inteligência de dados, quando a empresa não dá atenção para as práticas dos terceiros "ela está sendo negligente com a gestão da cadeia de valor da própria empresa, e correndo o risco de ser conivente e ter seu nome envolvido com práticas abusivas e eventuais crimes cometidos".

Do lado das empresas envolvidas, a reação foi protocolar. A Cooperativa Vinícola Garibaldi, com 450 associados, divulgou

 FOTOS: DIVULGAÇÃO | PORTHUS JUNIOR / AGENCIA RBS | DIVULGAÇÃO / POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL

uma carta aberta na qual afirma ter recebido com "surpresa e indignação, as denúncias de práticas análogas à escravidão exercidas por uma empresa terceirizada, contratada para suprir a demanda pontual e específica do descarregamento de caminhões no período da safra da uva". Afirmou ainda que o contrato de prestação de serviço foi encerrado e que permanece à disposição das autoridades até que o caso seja elucidado. A Vinícola Aurora afirmou que "não compactua com qualquer espécie de atividade considerada, legalmente, como análoga à escravidão". Segundo a cooperativa líder em produção de vinhos e suco de uva no País, a contratação de trabalhadores terceirizados se deve à escassez de mão de obra na região — o que é perfeitamente legítimo. Ela informou ainda que repassa à empresa terceirizada um valor acima de R$ 6,5 mil mensais por trabalhador, acrescidos de eventuais horas extras prestadas. Para a Salton, que prevê faturar R$ 500 milhões este ano, "trata-se de incidente isolado" e as medidas cabíveis frente ao tema foram tomadas. É pouco para se retratar de algo tão grave e que mancha a imagem das empresas, da região e do setor.

CORTE A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) informou ter suspendido a participação das vinícolas Aurora, Garibaldi e Salton em feiras internacionais, missões comerciais e eventos promocionais. As três fazem parte do programa Wines of Brazil, que apoia 23 vinícolas em atividades de promoção para vendas internacionais. O Ministério Público do Trabalho no Rio Grande do Sul (MTE-ES) convocou audiências com as três empresas para apurar as responsabilidades de cada uma. O proprietário da Fênix, Pedro Santana, propôs ao MET-RS o pagamento de um total de R$ 600 mil aos 207 trabalhadores, a título de danos morais.

Infelizmente, essa não foi a primeira vez que autoridades flagraram trabalhadores em condições análogas à escravidão no Brasil. Desde 1995, foram resgatados de cativeiros 60.251 pessoas. Apenas em 2022, o total de casos chegou a 2.575, e 175 empresas estão na lista vermelha do trabalho escravo, dos quais 112 são identificados como fazendas, sítios ou propriedade rural. Uma realidade que causa repulsa e cuja superação depende de ações conjuntas de governo, empresas e sociedade. S

DEGRADANTE A partir da esquerda, o momento em que a Polícia Rodoviária Federal libertou os trabalhadores e os alojamentos em que eram mantidos sob vigilância. Empresa responsável ofereceu R$ 600 mil por danos

O MANIFESTO DAS ENTIDADE EM DEFESA DO TRABALHO DIGNO

Documento assinado em conjunto pela Prefeitura de Bento Gonçalves e órgãos como Uvibra e Sindivinhos evoca s história de acolhimento da Serra Gaúcha e firma compromisso para garantir o respeito à mão de obra na cadeia vitivinícola

"A Serra Gaúcha tem uma história de trabalho e acolhimento. Essa terra recebeu nossos antepassados que — com esforço e boa-fé — fortificaram uma sociedade justa, fraterna e humana. Uma comunidade empreendedora, que construiu oportunidades e leva para todo o mundo essa identidade cultural". Assim começa o texto que resultou do encontro liderado pela Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves na segunda-feira (27) com representantes do poder público e de entidades representativas do setor, entre elas a União Brasileira de Vitivinicultura (Uvibra) e a Comissão Interestadual da Uva. Em conjunto, o grupo afirmou que "a ocorrência não representa as práticas do setor, as vinícolas, as mais de 20 mil famílias de produtores".

Segundo o manifesto, foi iniciada uma força-tarefa de fiscalização em alojamentos, "visando verificar as condições oferecidas aos trabalhadores", o que será consolidado em um programa permanente. Ainda de acordo com o documento, será criada a Central do Trabalhador, que "atenderá diretamente os operários, recebendo denúncias e orientando os profissionais". A iniciativa é louvável, porém pouco adianta quando os trabalhadores são mantidos em alojamentos vigiados e sem o direito de ir e vir. Mais importante é a decisão de aprimorar a fiscalização e ouvidoria, de forma a "assegurar que as ações de terceirizados também sejam acompanhadas com rigor", como afirma o manifesto.

"Evoluir é uma necessidade e um compromisso que assumimos publicamente, respeitando valores e princípios tão caros a uma comunidade que não pode ser estigmatizada por episódios que não representam sua essência", conclui o texto.

COMO SUSTENTAR UM PIB INFLADO

Crescimento de 2,9% da economia no ano passado, anabolizado pelos estímulos fiscais pré-eleição, embala o País em um cenário de desafios internacionais, mas aumenta a pressão por reformas no governo Lula

Jaqueline MENDES

A economia brasileira cresceu 2,9% em 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Resultado muito bom para os padrões brasileiros. Melhor ainda seria se o dado não fosse artificial. Os estímulos fiscais dados à economia pela dupla Jair Bolsonaro & Paulo Guedes durante a corrida eleitoral amorteceram o resultado do quarto trimestre e distorceram os números finais. Mas o que aparece forte no papel, se torna etéreo quando se conversa com as pessoas da economia real. Os vouchers e auxílios na campanha do ex-presidente não interromperam um enfraquecimento da atividade que começa após o chamado efeito reabertura, período em que o retorno a bares, restaurantes, salões de beleza, turismo e outras atividades provocou deu um salto com consumo represado. Essa euforia ficou concentrada no primeiro semestre e esfriou conforme o Brasil dava sinais de que nem tudo estava bem.

 ILUSTRAÇÃO: EVANDRO RODRIGUES

Todos esses números, no entanto, são uma imagem no retrovisor. Depois de cinco trimestres de altas puxadas pela retomada do setor de serviços, o resultado do 4º trimestre de 2022 (-0,2%) mostra que os aumentos da taxa básica de juros, a Selic, feitos pelo Banco Central desde 2021, começaram a trazer consequências fortes para a economia. Somam-se a isso os efeitos da inadimplência e da concessão de crédito, que devem repercutir no PIB até o final de 2024, segundo especialistas. O cenário é uma junção de um quadro de juros elevados, inflação ainda expressiva e de um maior endividamento das famílias. Um caminho tortuoso para o presidente Lula. A projeção para 2023 é que o PIB tenha um crescimento de apenas 0,84%, segundo o último relatório Focus do Banco Central.

Para Paulo Henrique Duarte, economista da Valor Investimentos, o crescimento do PIB não vai se repetir porque foi resultado de ações eleitorais do governo passado, com corte de impostos e auxílios pré-eleição para tentar turbinar dados econômicos. "O PIB já desacelerou. Hoje tá variando entre 0,5% e 1,2%, em reflexo da taxa de juros", afirmou Duarte. "Impossível imaginar uma alta pujante da economia com a Selic entre 13% e 14% ao ano."

Já na avaliação de Felipe Sichel, economista-chefe do banco Modal, os compromissos fiscais do governo Lula impedem uma repetição da política expansionista de Bolsonaro. "Um PIB maior em 2022 e 2023 só seria possível se o governo anterior tivesse perseverado nas reformas e gerado menos volatilidade e incertezas", afirmou Sichel. Para ele, o fator externo também gera incertezas sobre como será desempenho neste ano, principalmente no que se refere à retomada da economia chinesa e à capacidade de reação das economias europeias e dos Estados Unidos. Por isso, nessa queda de braço, enquanto o governo Lula não definir sua política fiscal e qual será a nova âncora das contas públicas, os juros não vão cair e o PIB será incerto. Para Josilmar Cordenonssi, professor de Ciências Econômicas da Universidade Presbiteriana Mackenzie, essa luta inglória só prejudica o povo, em especial o mais pobre. "Mas com as reformas e sem artifícios eleitoreiros, o Brasil pode crescer de 2% a 3% ao ano, de forma natural", disse.

GUINADA Se embalar no ritmo de Bolsonaro, Lula terá muita dificuldade de equilibrar a tríade macroeconomia que envolve um equilibrio entre crescimento do PIB, controle da inflação e taxa de desemprego. Não haverá caminho fácil. As reformas estruturantes precisam estar combinadas com medidas como o Desenrola, que pode ser lançado na primeira quinzena de março e que promete revisar as dívidas de famílias que ganham até dois salários mínimos. A nova tabela do IR e ampliação do Bolsa Família também ajudam a aumentar a riqueza do País, mas precisam ser combinadas com medidas de controle fiscal do governo para ter efeito na queda dos juros.

O DESEMPENHO DO PIB EM 2022

PRINCIPAIS	
Serviços	4,2%
Indústria	1,6%
Agropecuária	-1,7%
Consumo das famílias	4,3%
Consumo do governo	1,5%
Investimentos	0,9%
Exportações	5,5%
Importação	0,8%
SECUNDÁRIAS	
Outras atividades de serviços	11,1%
Transporte, armazenagem e correio	8,4%
Informação e comunicação	5,4%
Atividades imobiliárias	2,5%
Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade sociais	1,5%
Comércio	0,8%
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	0,4%

Fonte: IBGE

Em cifras, o PIB brasileiro bateu R$ 9,9 trilhões em 2022, com taxa de investimento de 18,8%. O per capita teve alta real de 2,2%. O setor de serviços foi destaque pela ótica da oferta, com alta de 4,2% no ano. Em valores correntes, foram R$ 5,8 trilhões no ano (*veja mais no gráfico acima*). Diante disso, Lula pega um PIB inflado artificialmente, mas pode virar o jogo se usar as armas básicas da política fiscal e assim lograr a primeira grande vitória de seu governo.

INTERNACIONAL

INVASÃO DA UCRÂNIA PELA RÚSSIA SEGUE CAUSANDO ESTRAGOS À ECONOMIA GLOBAL, EMBORA OS DANOS ECONÔMICOS AO PAÍS DE PUTIN ESTEJAM ABAIXO DO QUE SE ESTIMAVA INICIALMENTE

Jaqueline MENDES

UM ANO DE GUERRA: OS

A invasão da Rússia à Ucrânia, que começou há um ano, tem causado estragos substanciais às economias de ambos os países. Ao longo de 12 meses de guerra ficou evidente como a globalização faz com que esse tipo de conflito tenha um efeito demolidor em toda a economia global, embora em escalas distintas. Pelos cálculos da Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE), até o final deste ano a guerra deve custar US$ 2,8 trilhões de produção perdida mundialmente. Mas se há temporal, há quem lucre com guarda-chuva. Sem poder vender seu petróleo livremente, Putin tem vendido para China, Índia e Turquia por valores abaixo da cotação do mercado. Benefícios quase invisíveis, mas suficientes para segurar o tombo russo. A retração do PIB do país, estimada acima de -10% no início da guerra, deve fechar em -2,2%.

De toda forma, no final deste jogo de perde-ganha, a maioria perde. A decisão do Ocidente de excluir a Rússia do tabuleiro de War do comércio mundial quebrou a já trincada (pela pandemia) cadeia global de alimentos e de energia, especialmente petróleo e gás natural. As restrições na logística secaram o fluxo de insumos agrícolas e fertilizantes. Como os dois países envolvidos estão entre os maiores fornecedores de cereais do mundo, com destaque para o trigo e milho, o conflito resultou em aumento global dos preços de alimentos. O resultado foi que as estimativas de crescimento foram afetadas. Pela OCDE, o crescimento global desaba das projeções inciais de 3,9% para 1,5% (em 2022) e de 2,5% para 0,8% (2023).

Segundo o economista da XP Investimentos Francisco Nobre, o maior problema é que a guerra alimentou uma inflação que estava aquecida desde a pandemia. A Covid-19 gerou gargalos de produção globais e desequilíbrio na oferta. Por isso, o impacto foi ainda maior no país invadido, presidido por Volodimir Zelenski. Dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) apontam que as exportações da Ucrânia registraram queda de 30% durante 2022. Em contrapartida, as exportações russas tiveram alta de 15,6%. E isso diz muito sobre uma ordem mundial em mutação.

 | FOTOS: KIRILL KUDRYAVTSEV / AFP | AFP PHOTO / HO / UKRAINIAN PRESIDENTIAL PRESS SERVICE | SERGEI BOBYLYOV / SPUTNIK / AFP

CONFLITO GLOBALIZADO Enquanto Putin busca apoio da China e investe em propaganda interna, Biden garante suporte à Ucrânia de Volodymyr Zelensky

REFLEXOS NA ECONOMIA

Antes da guerra, os Bancos Centrais ao redor de todo o mundo começavam a aumentar suas taxas de juros para frear a inflação — o que levaria a uma desaceleração global. Mas após a invasão os Estados Unidos orquestraram um pacote de sanções em que os países europeus embarcaram — e pagaram caro. Isso porque a União Europeia está entre os principais importadores da energia russa e encerrou as compras de petróleo por via marítima. A Rússia respondeu estancando o fornecimento de gás, o que fez o preço da energia explodir e contaminar toda a Europa. Em 5 de fevereiro entrou em vigor outra proibição, da comercialização de produtos derivados do petróleo russo. Novamente o resultado é incerto.

RESISTÊNCIA Alguns especialistas afirmam que o impacto final das sanções contra a Rússia e os afeitos da guerra na economia global só serão enxergados no longo prazo. O último relatório de perspectivas do Fundo Monetário Internacional (FMI), no entanto, mostra que a economia russa parece menos fragilizada do que se pensava. Estima-se que o país cresça 0,3% neste ano, leve melhora ante a pequena contração de 2,2% em 2022 — para comparação, o Brasil sem guerra caiu 3,8% em 2015 e 3,6% em 2016.

A explicação para isso, segundo o professor de comércio exterior da Faculdade do Comércio da Associação Comercial de São Paulo, Laércio Donizetti Olivaes Munhoz, é que a Rússia se preparou financeiramente para a invasão, com a utilização de reservas internacionais. E adotou manobras internas para reduzir a pressão popular, como a distribuição de auxílios. "A Rússia se manteve bem no começo, mas está piorando à medida que a guerra leva mais tempo do que o esperado", afirmou. "Putin começa a mostrar sinais de desespero com ameaças de uso de armas nucleares, prova de que está perto do limite." De toda forma, é preciso incluir na equação dois gigantes globais: China e Índia. Respectivamente, a segunda e a quinta maiores economias estão ao lado dos russos, mantendo fluxo de dinheiro a Moscou. E isso significa que o xadrez global está muito mais complexo. O que refletirá na economia.

HORA DE DESTRAVAR A RODA DA ECONOMIA

BANCOS E EMPRESAS BUSCAM RECUPERAR DÉBITOS DE CLIENTES ENQUANTO A SECA NO CRÉDITO PRIVADO SURGE NO MERCADO DE CAPITAIS COM A FRACA DEMANDA POR DEBÊNTURES E NOTAS

Fagundes SCHANDERT

"Devo não nego, pago quando puder", essa frase conhecida do repertório popular está cada vez mais presente nos lares brasileiros. Os dados mais recentes divulgados pela Serasa Experian divulgados no dia 27 mostram que o número de inadimplentes alcançou 70,1 milhões de pessoas, 65% da população adulta economicamente ativa. Um triste recorde. Segundo o Mapa de Inadimplência da Serasa, o valor médio das dívidas era de R$ 4.612,28 em janeiro, num total de R$ 323 bilhões. Os segmentos que mais concentram pendências são os mesmos: bancos e cartões (29,6%), contas básicas de água, luz e telefonia/ internet (21,5%) e empresas varejistas (11,3%). Diante da realidade, a prioridade do Sistema Financeiro e das empresas é tentar receber

 FOTO: RENATO LUIZ FERREIRA/FOLHAPRESS | VIVIAN KOBLINSKY | DIVULGAÇÃO

pelo menos uma parte do crédito concedido que está em atraso. Por esse motivo, por todo o Brasil e por canais digitais estão de volta os feirões Limpa Nome, com a participação de grandes bancos privados (Itaú, Bradesco), recuperadoras de crédito (Recovery, Ativos), e de redes como Marisa, Renner, Carrefour.

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) também lançou no dia 1º de março mais um Mutirão Nacional em parceria com o Banco Central, a Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon) e Procons de todo o País. Segundo nota da Febraban, a campanha vai até 31 de março. "A renegociação de dívida costuma ocorrer por meio de alongamento de prazos, redução de taxas, alteração nas condições de pagamento ou, ainda, a migração para outras modalidades de crédito mais baratas", disse Amaury Oliva, diretor-executivo de Cidadania Financeira da Febraban.

Entre os participantes do Feirão, a Recovery, do grupo Itaú, espera renegociar 1 milhão de contratos somente em março. O CEO da Recovery, Wagner Sanches, falou à DINHEIRO que a empresa possui R$ 150 bilhões de créditos em inadimplência e pretende atender os 34 milhões de clientes da sua base com descontos de até 99%. "Queremos ajudar essas pessoas a quitarem suas dívidas e recomeçarem", disse. Sanches também contou que está otimista com o Desenrola, o programa de renegociação de dívidas do governo federal, cujo modelo será decidido em reunião do Ministério da Fazenda com o presidente Lula no dia 6 de março. "O Desenrola será para famílias de baixa renda e deve destravar dívidas pequenas que estão negativadas para as pessoas voltarem a ter uma condição de vida mais saudável", afirmou Sanches.

Entre as empresas não-financeiras há preocupação com os atrasos dos consumidores. Atento a essa demanda, o CEO do Banco ABC Brasil, Sergio Lulia Jacob, contou que a instituição, focada em crédito corporativo, lançou sua recuperadora de débitos. "Vai auxiliar nossos clientes (empresas) a cobrar recursos concedidos para o consumidor final", disse. Na visão do economista e professor da FAC-SP Denis Medina, os feirões e multirões são oportunidades para bancos, empresas e inadimplentes encontrarem uma solução para dívidas com juros elevados. "ºEstá na hora de destravar e fazer a roda da economia voltar a girar", afirmou. Que assim seja.

"Queremos ajudar as pessoas a quitarem suas dívidas e recomeçarem. O Desenrola será para famílias de baixa renda e deve destravar dívidas pequenas que estão negativadas para voltar a ter uma vida mais saudável"

WAGNER SANCHES
CEO DA RECOVERY

ENTREVISTA
SERGIO LULIA JACOB
CEO DO BANCO ABC BRASIL

"AS EMISSÕES DE DÍVIDAS ESTÃO MUITO FRACAS, PRATICAMENTE INEXISTENTES"

Os balanços do setor divulgados nos últimos dias mostraram uma cautela maior dos grandes bancos no crédito corporativo após o caso de Americanas. O que está ocorrendo?
O ano de 2023 começa com uma maior cautela, com taxas de juros altas, economia desacelerando e em decorrência de alguns fatores, um deles é esse caso específico [Americanas] e de outros que vieram a público [Marisa, Light], que o mercado sabia que eram empresas que estavam alavancadas [endividadas]. Nestes últimos, isso é normal, faz parte do capitalismo, no exemplo da citada [a Americanas], daí não. Embora as empresas de um modo geral estejam saudáveis em indicadores de rentabilidade e de endividamento em relação ao caixa, com esses casos todos, isso cria uma cautela maior nos financiadores de caixa.

Como essa cautela maior reflete no mercado?
A cautela maior está vindo principalmente do mercado de capitais, e menos dos bancos. Nos últimos anos, a emissão de dívida via debêntures, commercial papers (notas promissórias), CRI, CRA e todos esses instrumentos de recebíveis vinham contribuindo com uma fatia tão grande quanto os bancos. Quando empresas que títulos no mercado têm problemas causa uma insegurança geral em investidores. As emissões de dívida nesse primeiro bimestre estão muito fracas, e em fevereiro, praticamente inexistentes. Isso sem dúvida coloca uma pressão sobre as companhias que deixam de ter acesso momentaneamente ao mercado de capitais.

A seca do crédito que começou no mercado de capitais deve continuar nos próximos meses?
No geral, as empresas brasileiras estão muito saudáveis, mas neste momento o mercado de capitais dá um soluço e depois retoma porque possui bons emissores e as taxas de rendimento se ajustam um pouco ficando mais atraentes para os investidores. Esse é o cenário básico, em que surgem duas ou três empresas com dificuldades, que renegociam esses títulos, ou decretam recuperação judicial, e os investidores se assustam. Então, o mercado de capitais se retrai para entender o que está acontecendo e depois retoma compreendendo que são casos mais isolados.

O RECORDE DA SUZANO

Na esteira do reaquecimento da demanda interna e dos negócios no exterior, a maior companhia de papel e celulose do País dispara em todos os indicadores financeiros, com lucro de R$ 23 bilhões em 2022, e avança em novos projetos e investimentos

Hugo CILO, Anna FRANÇA e Bruno ANDRADE

Uma vez por trimestre, o executivo Walter Schalka, presidente da Suzano Papel e Celulose, promove um encontro virtual com seus 37 mil funcionários em mais de 100 países. O propósito é mostrar para o time o balanço financeiro da companhia, detalhar erros e acertos, motivar as equipes e definir estratégias. O mais recente encontro, na manhã da quinta-feira (2), teve um clima especial. Com sorriso de quem venceu uma Copa do Mundo, Schalka apresentou a partir da fábrica da empresa em Limeira, no interior de São Paulo, os melhores números dos 98 anos de história da Suzano. O faturamento em 2022 atingiu R$ 49,8 bilhões, alta de 22% sobre um ano antes. Foram R$ 23,3 bilhões de lucro, disparada de 171%. "Perto de comemorar nosso primeiro centenário, em 2024, tivemos os melhores números de toda a história", disse Schalka, em entrevista à DINHEIRO.

Mais importante que o lucro, que teve influência do câmbio, ele afirmou que os indicadores mais fiéis da impressionante performance da empresa são o Ebitda de R$ 28,2 bilhões — com alta de 20% — e a geração de caixa operacional de R$ 22,5 bilhões, com o mesmo percentual de crescimento. "Além de ser o melhor ano de todos, foi o de maior investimento da nossa história também, com mais de R$ 16,3 bilhões." Schalka justificou o rosário de números recordes citando a obsessão por eficiência, tanto na operação quanto na gestão de despesas. Enquanto o setor teve aumento médio de US$ 100 do custo de produção no ano passado, a Suzano estancou a alta em US$ 47. "Somos a empresa mais competitiva do mundo", afirmou o presidente. "E com os projetos que temos em execução, seremos ainda mais competitivos nos próximos anos", disse (*leia a entrevista ao final desta reportagem*).

A competitividade não passa apenas pelos números no balanço. Passa pelo compromisso ambiental. A empresa é carbono negativo (ou seja, sequestra mais CO2 do que emite) e quer chegar a 40 milhões de toneladas até 2025. "Nossa responsabilidade excede a nossa cerca. Precisamos pensar em como a gente impacta a sociedade e o mundo",

afirmou o executivo brasileiro eleito Person of the Year pela Câmara Americana de Comércio (Amcham).

O que é bom para o meio ambiente tem sido excelente para o desempenho da Suzano. Com 11 fábricas próximas de florestas manejadas, ferrovias e portos, a empresa é referência em plantar, produzir e vender. Tem hoje o menor custo de produção de celulose por tonelada, cotada a US$ 800 no mercado internacional, com margem de 57%.

Mas se há um item que ajudou a companhia a ter o melhor ano da história é o papel-moeda verde: o dólar. Além de ter sido beneficiada pela melhora dos preços da celulose, que tiveram alta de 32% só no último trimestre de 2022, a Suzano surfou na onda da alta do câmbio e conseguiu reduzir seu endividamento em moeda americana, de 2,5 vezes a geração de caixa, para 2 vezes. Algo significativo.

Com o caixa reforçado e a expectativa de aumento da demanda por celulose, a companhia reforçou seus robustos planos de investimentos. O mais importante é o Projeto Cerrado, em Ribas do Rio Pardo (MS), que está em estágio de 45% nas obras. Quando entrar em operação, a unidade vai se tornar a maior linha única de celulose do mundo. No bojo dos planos de expansão, a Suzano também aguarda o sinal verde do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) para concluir a compra dos ativos de papéis higiênicos da americana Kimberly-Clark no Brasil.

Entre outras iniciativas, a empresa concluiu a construção de um terminal portuário de Itaqui (MA), avançou em projetos de modernização nas fábricas de Aracruz (ES) e Jacareí (SP), investiu no desenvolvimento de sua base florestal, lançou a Suzano Ventures e uma nova empresa, a Biomas, e na construção de

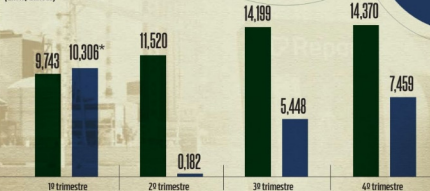
OPERAÇÃO DA SUZANO 2022

■ Faturamento
■ Lucro líquido

R$ 49,831 BILHÕES
+ 22%
em relação a 2021

R$ 23,394 BILHÕES
+ 171%
em relação a 2021

RESULTADO POR TRIMESTRE
(Em R$ bilhões)

	Faturamento	Lucro líquido
1º trimestre	9,743	10,306*
2º trimestre	11,520	0,182
3º trimestre	14,199	5,448
4º trimestre	14,370	7,459

* Lucro maior do que a receita decorrente de variações cambiais e monetárias que impactaram positivamente o resultado financeiro da companhia

 | FOTO: RICARDO TELES

MEGAFÁBRICA Aumento da capacidade nas fábricas da Bahia e Mato Grosso do Sul vai reduzir os custos e ampliar a competitividade

uma fábrica de fios têxteis por meio da joint venture Woodspin na Finlândia, em parceria com a Spinnova.

REPERCUSSÃO Apesar do desempenho recorde, o mercado não recebeu o balanço com euforia. Ao contrário. As ações da companhia fecharam o pregão do dia 1º de março em queda de 2,03%, a R$ 46,77. De acordo com analistas da XP Investimentos, a geração de caixa, medida pelo Ebitda, ficou abaixo das expectativas. A corretora esperava o indicador em R$ 8,4 bilhões, contra os R$ 8,1 bilhões apresentados. Segundo os analistas, o custo da produção da celulose foi o motivo para esse número menor. Para André Vidal e a equipe da XP, que assinam o relatório, três fatores pesaram. O primeiro foi o aumento dos preços de 8% na madeira devido a um crescimento da demanda com uma oferta reduzida. "Já o encarecimento das tarifas de transporte e o crescimento de 9% no consumo de insumos também pressionaram o Ebitda da empresa", afirmaram.

Para os analistas do UBS Cadu Schmidt, Andreas Bokkenheusern e Cleve Rueckert, esse aumento de preço gerou uma alta de 25% no custo de caixa da celulose. Ainda assim, foram mais benevolentes com o resultado da empresa. "O Ebitda ficou apenas 1% abaixo das nossas expectativas", afirmaram. Para Schmidt e sua equipe do UBS, a ação da Suzano não deve ter um futuro muito interessante ao longo de 2023, principalmente por causa do preço da celulose no mercado internacional. "Esperamos que esse mercado permaneça em excesso de oferta por causa da baixa demanda de celulose de fibra curta na China, a principal compradora do produto da Suzano", disseram, destacando que para essa demanda se reaquecer há uma necessidade de o preço da celulose recuar

RECEITA POR ÁREAS

Celulose
R$ 41,384 BILHÕES

Papel impressão e escrita
R$ 6,912 BILHÕES

Papel cartão
R$ 1,421 BILHÃO

Outros
R$ 112 MILHÕES

RECEITA POR MERCADO

83% Exterior

17% Brasil

PRODUÇÃO

10,6 MILHÕES de toneladas de celulose

1,3 MILHÃO de toneladas de papel

2021

R$ 40,965 BILHÕES

R$ 8,3635 BILHÕES

para US$ 650 por tonelada, o que implica em uma diminuição de 18,75% no preço da commodity, sobre os atuais US$ 800 por tonelada. “Nós acreditamos que essa forte queda é necessária para haver uma retomada na demanda, o que prejudicaria diretamente a Suzano”, disse Schmidt, em relatório. Sendo assim, o UBS decidiu se manter neutro. O banco teme que uma eventual queda da celulose possa fazer a ação sofrer.

Já o BTG calcula um preço-alvo de R$ 86 para o ativo, o que implica em uma alta de 83,87% para cada ação até o final de 2023. “O papel está sendo negociado como se a celulose estivesse em US$ 505 por tonelada, valor muito abaixo da atual estimativa do mercado”, afirmaram Leonardo Correa e Caio Greiner, no relatório que comenta os resultados da Suzano.

PRÓXIMO SÉCULO O analista da Levante Flávio Conde comentou que o endividamento pode atrapalhar a Suzano. Embora o indicador dívida líquida sobre Ebitda esteja em um patamar confortável atualmente, que é de 2 vezes, ele pode caminhar para a marca de 3 vezes ao longo do ano. “Essa premissa pode se concretizar caso a celulose recue para a casa dos US$ 600 por tonelada, visto que com esse patamar a Suzano teria uma forte queda no Ebitda, o que deixaria o indicador dívida líquida sobre Ebitda em um número nada confortável”, disse Conde. No geral, o analista da Levante afirmou que o investidor deve ter cautela com o ativo, mas não descarta que a empresa é uma boa oportunidade. “Mesmo com um Ebitda ruim, o lucro disparou 222% (no quarto trimestre de 2022), por isso, acredito que a empresa possui uma boa gestão para encarar as adversidades do mercado.”

De seu lado, Schalka afirma que vai seguir adiante com as estratégias da Suzano. O plano, segundo ele, é preparar a companhia para os próximos 100 anos, sem negligenciar os números que serão apresentados para os funcionários daqui a três meses.

ENTREVISTA

WALTER SCHALKA
PRESIDENTE DA SUZANO PAPEL E CELULOSE

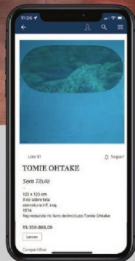
“O MERCADO É CURTOPRAZISTA E TEM UMA LEITURA INADEQUADA SOBRE A CELULOSE”

Qual foi o segredo de vocês para lucrar R$ 23 bilhões em um ano tão complexo como 2022?
A empresa tem dívida em dólares. Quando o dólar tem uma desvalorização em relação ao real, como aconteceu no ano passado, isso aumenta a variação monetária a nosso favor. Por isso, gosto de olhar para o indicador operacional de caixa, que foi o melhor ano da nossa história. Tivemos um Ebitda de R$ 28,2 bilhões e mais de R$ 22 bilhões em geração operacional de caixa. Isso foi muito positivo, mas vai além dos números. Pois além de ser o maior ano da nossa história, foi o maior investimento anual da nossa história também, com R$ 16,3 bilhões. A companhia também fez o retrofit da fábrica de Aracruz e da fábrica Jacareí, concluiu o terminal de Itaqui, no Maranhão. E também fizemos um megaprograma de recompra de 40 milhões de ações, no valor de quase R$ 2 bilhões.

E na parte ambiental?
Tivemos avanços importantes na questão de aumento da nossa base florestal. Nunca se plantou tanto. Foram mais de 1,2 milhão de árvores por dia. Fizemos o lançamento do Biomas, um programa de recuperação de áreas nativas. Terminamos um projeto em Limeira e na Finlândia, de microfibrilados celulose. Estamos trabalhando numa agenda que é uma agenda dos corredores da biodiversidade, nós temos áreas de matas nativas que são fragmentadas. Vamos conectar isso por corredores. E vamos regenerar 4 milhões hectares nos próximos 20 anos. É uma área equivalente ao tamanho da Suíça ou Holanda.

Por que, apesar do resultado recorde, o mercado se desapontou com o balanço divulgado?
A nossa percepção é que o mercado é curtoprazista e tem uma leitura inadequada sobre o que vai acontecer com a celulose. Os analistas tendem a fazer uma visão de 12 meses. Só que em 12 meses o Projeto Cerrado não vai entrar em operação. Então, tudo que nós investimos tem zero de efeito na análise deles. Só que vai ser um projeto supercompetitivo. Eles [os analistas] também colocam zero na questão do landbanking, a aquisição de terras. Só que isso vai gerar competitividade futura para a empresa. Então, a minha percepção é que isso levou a essa falta de empolgação por parte do mercado.

Mas existe uma preocupação legítima com a alta dos custos de produção...
Sim, mas vamos ter uma redução do custo de produção. Tivemos um aumento no ano passado, decorrente principalmente do efeito das commodities, tanto petróleo quanto as partes químicas, como soda cáustica e ácido sulfúrico. Entendemos que esse processo é conjuntural, não estrutural. Por isso, vai haver um arrefecimento dos custos. Nossos programas de investimentos vão levar ao longo do tempo a uma redução ainda maior do custo. Isso vai trazer um incremento potencial para nós de mais de R$ 3 bilhões adicionais. No geral, os analistas nos comparam contra nós mesmos, o que está correto. Porque somos disparadamente a empresa mais competitiva do mundo e seremos ainda mais competitivos com o Projeto Cerrado, que vai ter o menor custo entre todas as nossas fábricas. Reduzir custos é uma obsessão para nós.

Quais são os grandes desafios da Suzano para 2023 e 2024?
No curto prazo, uma preocupação é sobre a questão global, de como vai ficar a economia em função da alta taxa de juros. Será que isso vai provocar uma recessão? Qual o efeito da recessão sobre nós no momento que estão entrando outros projetos de celulose no mundo e que pode gerar um desequilíbrio entre demandas supply? São essas as questões.

SODEXO LUCRA COM A DIVERSIFIÇÃO

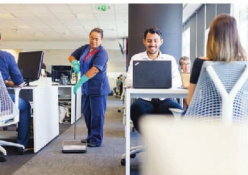
SOB O COMANDO DE ANDREA KREWER, DIVISÃO ON-SITE BRASIL VISA EXPANDIR NEGÓCIOS DE ALIMENTAÇÃO E FACILITIES

Angelo VEROTTI

A gaúcha Andrea Krewer tem uma relação de longa data com o grupo Sodexo. Há 20 anos, iniciou a carreira como trainee e, nesse intervalo, passou por diferentes posições em diversas cidades pelo País até assumir, em outubro de 2022, o cargo de CEO. O desafio agora é expandir os negócios da Sodexo On-site Brasil, uma das áreas de atuação da multinacional francesa. Considerado estratégico para o grupo, o Brasil é o quarto maior mercado do mundo para a empresa, integrante da zona América Latina e APMEA (Ásia-Pacífico, Oriente Médio e África), com faturamento de 3,6 bilhões de euros em 2022, o correspondente a 18% da receita total do On-site global. "Vamos acelerar ainda mais o crescimento, de forma sustentável, com rentabilidade."

O portfólio da Sodexo envolve três divisões. A mais tradicional é a Sodexo Benefícios e Incentivos, que disponibiliza produtos como Refeição Pass, Alimentação Pass e GymPass, aceitos em 2,2 milhões de estabelecimentos no País. A Pronep oferece diversidade de serviços de home care e assistência domiciliar. Já a On-site Brasil é especializada em serviços de alimentação corporativa e facilities (serviços cotidianos feitos por terceirizados). O portfólio supera 100 soluções, voltadas aos segmentos de restaurantes (são 1,7 mil unidades de alimentação) e de facilities (1,3 mil unidades). Aqui entram limpeza, jardinagem, manutenção, recepção, gerenciamento de projetos e conveniência.

O currículo de Andrea na Sodexo é um aliado de peso. Além de conhecimento da rotina e dos processos da divisão, a executiva acumula experiências em cargos diretivos. Há sete anos, por exemplo, assumiu a liderança de Corporate Services (Serviços Corporativos), que representa 67% do volume de negócios da On-site Brasil — na sequência vêm os segmentos de energia e recursos (17%), além de saúde e educação (16%) . "Temos 800 clientes pelo País, e 1,5 milhão de consumidores atendidos diariamente", disse.

Inicialmente, a CEO vai focar soluções que agreguem mais ao negócio, aumentem a experiência do consumidor e tragam vantagem para os clientes. "Nossa ambição é manter a liderança, por meio de serviços integrados de alimentação e facilities", disse ela. "Tudo isso com o objetivo principal de criar valor para os públicos com os quais interagimos, além de suportar a estratégia global de crescimento." O incremento das operações no Brasil é de extrema relevância para o grupo Sodexo. O País está atrás apenas de mercados desenvolvidos: Estados Unidos, França e Reino Unido. A expectativa de Andrea é de alta de no mínimo 10% nos negócios em 2023, diante da possibilidade de expansão de cada segmento atendido.

 | FOTOS: MARCUS STEIMEYER | DIVULGAÇÃO

A estratégia de crescimento envolve diferentes projetos. Em alimentação, segundo a executiva, a mudança de comportamento e de hábitos das pessoas vem impactando a forma como se relacionam e consomem alimentos. Assim, a ideia é oferecer novos canais e produtos diferenciados que impactem diretamente a vida do consumidor final. "Vamos acelerar o desenvolvimento de modelos diferenciados que incluem os híbridos, multicanais e a qualquer hora e lugar", disse. São os casos, por exemplo, de micromercados e honest market (modelo de negócio que não tem funcionário para fazer a cobrança) nos ambientes corporativos.

No segmento de facilities a Sodexo trabalha a estruturação e a padronização dos serviços em quatro frentes: pessoas, processos, produtos e serviços & tecnologia. "Nossa estratégia de factambém dá foco e potencializa as ofertas de serviços da empresa, buscando oferecer um portfólio mais diversificado", afirmou. E os desafios para a área são grandes. "Apenas em São Paulo são 8 mil concorrentes. Mas o nosso diferencial são os serviços integrados."

Como inescapável, o tema do ESG aparece estrategicamente. São iniciativas relacionadas a questões ambientais, sociais e de governança. Destaque para o WasteWatch, que combate o desperdício nas cozinhas administradas pela empresa. Para isso, a gestão tem modernizado as aplicações tecnológicas nesses espaços, investindo em novos equipamentos, trazendo automação e focando na gestão de dados.

O projeto começou a ser implantado no Brasil em 2022. "Já são mais de 400 restaurantes com o programa e até setembro deste ano, estará em funcionamento em todas as cercas de 1,7 mil unidades de alimentação da empresa, contribuindo com a meta global de reduzir em 50% o desperdício de alimentos até 2025." Um cardápio na medida para o apetite da multinacional.

PORTFÓLIO VARIADO
A divisão Sodexo On-site Brasil, dirigida por Andrea Krewer, é especializada em serviços de alimentação corporativa e facilities, com atendimento em 3 mil sites distribuídos pelo País

GRUPO SODEXO

Faturamento:
21,1 BILHÕES de euros (2022)

Países de atuação:
53

Colaboradores:
422 mil

Consumidores atendidos diariamente:
100 milhões

On-site Brasil

Atuação:
23 estados mais Distrito Federal

Colaboradores:
46 mil

Atendimentos:
3 mil sites

Clientes:
800

Consumidores atendidos diariamente:
1,5 milhão

CRESCIMENTO
Mauricio Alonso comanda a NotCo no Brasil, com o objetivo de dobrar o faturamento no País em 2023, chegando a R$ 100 milhões

PLANTA QUE DÁ CARNE

PARA TER O BRASIL COMO TERCEIRO MAIOR MERCADO, A FOODTECH CHILENA NOTCO PLANEJA INVESTIR R$ 50 MILHÕES NO PAÍS

Lara SANT'ANNA

Os alimentos à base de plantas já mostraram que são mais do que uma simples tendência. Entre 2018 e 2021 as vendas globais do segmento de carnes vegetais cresceram 64%, saindo de aproximadamente US$ 3,2 bilhões para cerca de US$ 5,6 bilhões. Já a indústria de leites vegetais cresceu 11% no mesmo período, chegando a US$ 17,8 bilhões, de acordo com pesquisa do The Good Food Institute. A expectativa é que até 2050 o mercado de proteínas alternativas ultrapasse US$ 1 trilhão, segundo a Credit Suisse.

Com tanto dinheiro envolvido, diversas empresas têm surgido para garantir sua fatia. Sejam grandes corporações historicamente ligadas à proteína animal, como JBS e Marfrig, ou startups — as chamadas 'nativas do segmento' —, como a chilena NotCo. Avaliada em US$ 1,5 bilhão, já investiu R$ 150 milhões no Brasil e prevê outros R$ 50 milhões para 2023. O montante será direcionado para aumentar os pontos de venda, diversificar o portfólio e melhorar a estrutura por aqui. Tudo em nome do potencial do mercado nacional,

OS INGREDIENTES DA NOTCO*

Valuation:
US$ 1,5 BILHÃO
Total de captações:
US$ 400 MILHÕES
Pontos de venda no Brasil:
5 MIL
Investimentos no Brasil:
R$ 200 MILHÕES

Faturamento no Brasil em 2022:
R$ 50 MILHÕES
Previsão de faturamento no Brasil em 2023:
R$ 100 MILHÕES

Presente em 12 países:
Argentina, Austrália, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Estados Unidos, México, Paraguai e Peru.

*Fonte: NotCo

que deve se tornar seu terceiro maior, segundo a companhia, brigando lado a lado com o México pelo segundo lugar.

A NotCo tem a expectativa de dobrar o faturamento no País em 2023, chegando a R$ 100 milhões. Para isso, prevê a abertura de um centro de inovação em maio, lançamento de novas categorias e fortalecimentos das já existentes, com diversificação de tamanhos e sabores. Nos últimos quatro meses do ano passado, a empresa lançou três novos produtos: creme de leite, leite com alto teor de proteína e carnes. "Claro que seria superlegal lançar 50 produtos por ano, mas também queremos fazer de forma responsável", disse Mauricio Alonso, general manager Brasil da NotCo. "Queremos entregar a melhor experiência de portfólio para o consumidor e estar seguro de que quando lançamos algo no mercado é o melhor."

Outra ponta da estratégia de crescimento é a ampliação dos pontos de vendas. Em 2022, a NotCo estava em 5 mil lugares. Para este ano, a previsão é alcançar 8 mil lojas. Além disso, busca por parcerias B2B para inserir suas criações em restaurantes e empresas de food service. No último ano, grandes redes passaram a oferecer produtos NotCo, como Casa do Pão de Queijo, com o leite vegetal NotMilk, e o Mr. Cheney.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL Tendo como base uma solução de inteligência artificial própria chamada Giuseppe, a empresa desenvolve fórmulas de produtos vegetais que se assemelham em textura e sabor à versão animal. Para isso utiliza uma base de dados que considera os milhares de ingredientes vegetais do mundo. A partir daí, a tecnologia cria possíveis fórmulas que serão testadas para eventualmente serem fabricadas. Essa combinação faz com que a composição seja diversa e nada ortodoxa. Para o leite vegetal, por exemplo, figuram na lista óleo de coco, fibra de chicória, proteína de soja, suco de abacaxi concentrado, proteína de ervilha e suco de repolho concentrado.

TECNOLOGIA Para transformar vegetais com sabor e textura de proteína animal, inteligência artificial cria fórmulas com óleo de coco, fibra de chicória, proteína de soja e de ervilha, suco de abacaxi e de repolho

O perfil do consumidor dos produtos, ao contrário do que a categoria sugere, não foca nos veganos. De acordo com a Euromonitor, quem mais busca por esses alimentos são os chamados flexitarianos, pessoas que reduzem o consumo de ingredientes de origem animal em busca de saúde, sustentabilidade e qualidade de vida — que, em teoria, produtos vegetais oferecem com mais facilidade. No quesito ambiental, de acordo com pesquisa interna da NotCo, a empresa usa 80% menos energia, 75% menos água e gera 94% menos CO_2 na produção de sua carne, comparado com o correspondente de origem animal. Já na questão de saúde, especialistas de alimentação advertem que mesmo tendo fonte vegetal, os produtos ainda se enquadram como ultraprocessados, portanto devem ser consumidos com a parcimônia que essa categoria exige.

De acordo com Alonso, a startup aposta em formulações que consideram questões nutricionais, como uso de diferentes proteínas e ingredientes que resultem em um valor nutricional igual ou melhor que seu correspondente animal. "Nós existimos para revolucionar e evoluir a forma como se faz alimentos na indústria", disse. "E isso tem a ver com que tipos de ingredientes utilizamos até processos para acelerar formulações com o uso da inteligência artificial."

Mas nem é preciso de algoritmos para entender que a receita de crescimento da NotCo é promissora. Na lista de ingredientes, um setor em pleno crescimento, um público consumidor ávido por novidades e capital para investimento, dado os US$ 400 milhões já captados. Com a fórmula certeira, o unicórnio tem a faca e o queijo (vegetal) na mão.

LELLO CRESCE CUIDANDO DA VIZINHANÇA

Líder no mercado de administração de condomínios, empresa substitui papel de intermediadora por conectora de negócios imobiliários e fatura R$ 250 milhões

Angelo VEROTTI

São 68 anos de história. Aproximadamente sete décadas de negócios voltados quase exclusivamente ao papel de intermediadora de aluguel e de venda no mercado imobiliário de São Paulo. Mas a Lello Imóveis nunca se acomodou. Pelo contrário. Se transformou com a mesma velocidade do segmento no País. Nos últimos anos, além da adoção do digital nas operações, projetos voltados aos condomínios atendidos, às comunidades na vizinhança e, principalmente, parcerias passaram a fazer parte do potfólio da companhia, líder do mercado sul-americano e entre as cinco maiores do mundo. "O faturamento em 2021 atingiu R$ 250 milhões e a expectativa é que em 2022 o crescimento chegue a 20%", afirmou à DINHEIRO Antonio Couto, presidente da Lello Imóveis. Os números referentes ao ano passado ainda são apurados.

Fundada em 1954, no tradicional bairro paulistano da Mooca, a Lello atuou inicialmente nas áreas de comercialização de imóveis e de construção de prédios. A partir da década de 1980, a empresa passou a operar no segmento de administração imobiliária, processo que ganhou força com o decorrer dos anos. "É isso o que nós fazemos hoje, por meio da Lello Condomínios", disse o executivo. As outras duas verticais em que a companhia atende são Lello Imóveis e LelloLab.

 | FOTOS: ISTOCK I ANDERSON DEMARIO

O GRUPO

DIVISÕES
Imóveis
Condomínios
LelloLab

ATUAÇÃO
Locação
Venda
Administração

CONDOMÍNIOS ATENDIDOS
3,5 mil

ALCANCE
1 milhão
de pessoas

PATRIMÔNIO ADMINISTRADO
R$ 190 BILHÕES

A empresa é líder do mercado nacional na vertical de condomínios, com 3,5 mil contratos. Isso corresponde a cerca de 300 mil unidades ou a 1 milhão de moradores. Um patrimônio de R$ 190 bilhões. "Somos a maior empresa do Brasil no setor", disse Couto. "E talvez na América do Sul, porque não há outro player com esse volume. Principalmente porque não há cidade deste tamanho (como o de São Paulo)." A expectativa do presidente é que em até cinco anos o volume de condomínios sob a administração da Lello mais que dobre e chegue a 8 mil.

Para isso, a empresa tem apostado em parcerias para expandir os negócios. No início deste ano, anunciou acordo com a Housi, pioneira na oferta de moradia flexível 100% digital, visando a integração dos serviços oferecidos pelas duas empresas aos condomínios brasileiros. O acordo aposta em sinergia de portfólio, além do aporte de novas tecnologias e implantação de modelos de ocupação de espaço em empreendimentos novos ou existentes que serão desenvolvidos, estruturados e explorados conjuntamente.

As outras duas verticais da empresa também seguem apostando em novidades e avanços. A Lello Imóveis é a linha que gerencia aluguel e venda. A Lello Locação, além de cuidar da locação, administra os imóveis que aluga. Atualmente, a carteira tem quase 11 mil unidades. "Essa vertical [locação] é bem agressiva, com um processo bastante digital, automatizado e muito autosserviço." Entre suas soluções está o Aluguel Tranquillo, modalidade sem fiador. "E uma série de benefícios para o inquilino, como realização da mudança e arrumação de toda a estrutura do imóvel."

TESOURO DOS BAIRROS Para abastecer tanta transformação com novas soluções surgiu o LelloLab. É uma das principais apostas da companhia. Criado em 2017, o ecossistema de inovação desenvolve soluções para os condomínios e imóveis administrados pela empresa. É dele que saem os projetos colocados em prática pelo grupo Lello. "A ideia com o LelloLab foi parar de pensar apenas nos aspectos burocráticos, mas também no que seria uma forma de a Lello contribuir com a convivência, com a aproximação da vizinhança." Um dos programas pioneiros desenvolvidos pelo laboratório foi o Tesouros do Bairro, plataforma que busca conectar os moradores dos imóveis aos profissionais que atuam na vizinhança. Uma iniciativa que tem surtido resultados, segundo Couto.

O LelloLab também tem entre as suas atribuições a missão de acelerar startups vinculadas ao sistema de moradia. "Tudo tem a ver com morar e conviver", disse o presidente. No portfólio há startup que faz serviços de manutenção de apartamento; de lavagem de carro na garagem sem a utilização de água; e de assistência a pet, por exemplo. Claro que, como em todo laboratório, existem ideias que não avançam. "Porque, às vezes, são muito complexas. Mas a maior parte do que está acontecendo no LelloLab tem recebido do público tratamento excepcional."

Diante dos resultados, a Lello Imóveis continua a expandir as operações pelo estado de São Paulo. Além dos quatro hubs paulistanos (um a ser inaugurado), e outras filiais na capital e na região do ABC, a empresa tem avançado rumo ao interior e ao litoral. Atualmente, possui unidades em Campinas, Jundiaí, Piracicaba e Ribeirão Preto, pros lados do interior. E Santos, Guarujá e Bertioga, no litoral. "A ideia é sair um pouco de São Paulo", disse Couto. E isso significa mirar também outros estados. "Estamos com uma parceria em Maceió, por exemplo, que vai muito bem." Uma maneira de o Nordeste entender o poder da expressão "orra, meu!" — um clássico de todo morador da paulistana Mooca.

"A IDEIA COM O LELLOLAB FOI PARAR DE PENSAR APENAS NOS ASPECTOS BUROCRÁTICOS, MAS TAMBÉM CONTRIBUIR COM A CONVIVÊNCIA"

ANTONIO COUTO, PRESIDENTE DA LELLO IMÓVEIS

PELÚCIA DE MILHÕES

MARCA CRIADA EM 2016 VENDE URSINHOS, EXPERIÊNCIA E FRANQUIAS, ALCANÇA R$ 120 MILHÕES DE RECEITA E PREPARA HOTEL TEMÁTICO EM GRAMADO

Beto SILVA

Pode até parecer uma hipérbole, aquela figura de linguagem que serve para exaltar uma ideia e causar maior impacto, mas é fato: a Criamigos vende ursos de pelúcia para crianças e suas lojas para os pais delas. A empresa criada em 2016 pelas amigas Natiele Krassmann e Veronicah Sella, em Gramado (RS), dobra de tamanho a cada ano e fechou 2022 com R$ 120 milhões de faturamento e 66 lojas, sendo apenas duas delas próprias. As franquias são adquiridas geralmente por clientes que visitam as unidades para comprar produtos para seus filhos e enxergam no modelo de negócio uma oportunidade. Ano passado foram abertas 22 unidades. A previsão para este ano é de que mais 21 entrem na rede e a marca esteja presente em todos os estados brasileiros — hoje está em 19. "É um percurso de sentimentos, não de compra. As pessoas entendem. Vendemos a essência do negócio", disse Veronicah.

O negócio começou a ser desenhado quando as amigas voltaram da edição de 2015 da New Retail Federation (NRF), um dos maiores eventos de varejo do mundo, realizado nos Estados Unidos. Retornaram ao Brasil com uma ideia na cabeça: vender ursos de pelúcia com roupas e sapatos. "Desenvolvemos a marca, modelo de negócio, layout de loja e os produtos. Era algo inédito, que nos proporcionou tanto o desafio, por ser algo inovador, quanto uma oportunidade, pelo mesmo motivo", afirmou Veronicah. Começou, então, a busca por fornecedores para confeccionar as vestimentas e os calçados para os bichinhos. Ninguém fazia isso, segundo Natiele. "Nós criamos nossa própria cadeia de fornecedores, ajudamos eles a se prepararem para produzir nossos itens e eles têm crescido com a gente." No Sul do país estão as confecções. Em São Paulo, as manufaturas dos pequeninos tênis. E em outros locais do País os acessórios, como patins, skate, óculos, coleira, tudo para pelúcias.

 | FOTOS: DIVULGAÇÃO | CASSIO BREZOLLA

CRIANÚMEROS

2016 ano de criação da empresa

66 unidades atualmente

22 unidades abertas em 2022

21 lojas devem ser abertas em 2023

R$ 120 MILHÕES foi o faturamento ano passado

A primeira loja foi aberta em Gramado, charmosa cidade de 35 mil habitantes, a 100 quilômetros da capital Porto Alegre. Foi escolhida, logicamente, por ser o lugar onde as sócias vivem e, estrategicamente, por ser um polo turístico que atrai 7 milhões de pessoas por ano, segundo dados da Empresa Gaúcha de Rodovias, vinculada ao governo do Rio Grande do Sul. A loja que "dá vida" aos ursinhos de pelúcia e oferece uma experiência às crianças e às famílias de pronto fez sucesso. Os pequenos escolhem o preferido entre 12 modelos de bichinhos — ursos, ovelhas, cachorros, unicórnios, dinossauros, cavalos, elefantes, vaquinhas, entre outros. Uma máquina feita especialmente para a Criamigos enche ele de fibra na hora. Antes da costura existe a possibilidade de colocar um reprodutor de voz dentro dele. O conteúdo é gravado pelas crianças ou seus familiares ali mesmo. Toda vez que apertar o amiguinho, escutará novamente a gravação. Um pedacinho de pano em formato de coração também é inserido no brinquedo. Em seguida, a linha da costura é cortada: é o cordão umbilical. E para que ele vire um amiguinho de verdade, é realizada a cerimônia da vida. Os pequenos e os adultos são convidados a dar três pulinhos, e um giro e um abraço coletivo. "Pronto, está feita a magia", disse Natiele. "São momentos afetivos que se perpetuam."

Os acessórios de qualidade e muito semelhantes a roupas de verdade e toda essa experiência são os diferenciais da Criamigos, que atraem empreendedores. A empresa está em franca expansão. Para abastecer as lojas, foi criado um centro de distribuição no Espírito Santo. As lojas fazem os pedidos por aplicativo próprio. Os itens chegam em quatro dias, em média. "Com nosso CD foi possível termos unidade no Amazonas, por exemplo", afirmou Veronicah, que já pensa na internacionalização da marca.

O próximo passo da Criamigos é fora do varejo. As fundadoras investem agora R$ 100 milhões em um hotel temático, também em Gramado, com mais de 8 mil m² e capacidade para 1,2 mil hóspedes. Vai agregar ainda um centro de entretenimento e gastronômico. "Precisamos cuidar da criança que tem dentro dos adultos", disse Veronicah. As obras já estão em andamento. A previsão de inauguração é em meados de 2024. "As possibilidades são infinitas", afirmou Natiele, referindo-se a outros projetos que estão sendo desenhados. Pode até parecer hipérbole mas, tratando-se de Criamigos, é fato.

VIDA AOS URSINHOS De amigas para sócias: Natiele Krassmann e Veronicah Sella desenvolveram o modelo de negócio, layout de lojas e produtos

WEG RECARREGA AS BATERIAS

MULTINACIONAL CATARINENSE DE EQUIPAMENTOS ELETROELETRÔNICOS DEFINE CONSTRUÇÃO DE FÁBRICA DE OLHO NO MERCADO DE ARMAZENAMENTO DE ENERGIA

Flávia Gianini

O Brasil segue sem projeto definido de Estado para o universo da mobilidade elétrica, erro estratégico que companhias de ponta não podem cometer. É nesse contexto que a catarinense WEG, uma das maiores do mundo no setor de motores e equipamentos elétricos, investirá R$ 100 milhões para expansão da capacidade de produção de packs de baterias de lítio até 2024. Decisões como essa, que antecipam movimentos, refletem no valor da companhia. Ela encerrou fevereiro com alta de quase 3% no preço das ações na B3 e se tornou um dos principais destaques da bolsa. No ranking de recomendações da plataforma TradeMap, que concentra análises de 15 instituições do mercado de capitais, seus papéis estão no Top 5 de março e foram recomendados por 40% das corretoras.

Os investimentos da WEG serão realizados no parque fabril de Jaraguá do Sul (SC) e, além de aumentar as dimensões do prédio atual (este ano), a companhia construirá outra fábrica (até o primeiro semestre de 2024). Fornecedora no mercado de armazenamento de energia por bateria (BESS) nos Estados Unidos, ela aposta na aceleração do setor também no Brasil. "Vamos atender à crescente demanda do mercado de mobilidade elétrica no País, principalmente para o segmento de ônibus e caminhões", disse Carlos José Bastos Grillo, diretor-superintendente WEG Digital e Sistemas. Com a conclusão de todas as fases do investimento, a empresa alcançará capacidade

 FOTOS: DIVULGAÇÃO | JONNE RORIZ

para oferecer mais de 1GWh de packs de baterias por ano.

Co m a conclusão do projeto, a área construída disponível para a fabricação de packs de baterias será de aproximadamente 6.000 m². "Reforçaremos no Brasil nossas soluções para armazenamento de energia por bateria (conhecido por Bess), bem como ampliaremos a oferta para o mercado naval, que também busca soluções eletrificadas para redução de emissões", afirmou Grillo. O projeto deverá gerar aproximadamente 140 empregos e terá soluções de automação, digitalização e indústria 4.0 fornecidas pela WEG.

A WEG está alinhada com as expectativas do mercado que pressiona por uma produção cada vez mais sustentável com uso de energia limpa, exatamente o modal que absorve o uso de baterias, o foco declarado da empresa no Brasil. Para o professor da Fundação Dom Cabral e doutor em administração Paulo Alves, o mercado de energia limpa tem muito para crescer. "O desafio ainda é o preço da energia [limpa] em comparação a outras", disse.

Fonte: Empresa

RESULTADOS No último trimestre de 2022, a WEG teve receita operacional líquida de R$ 8 bilhões (+22% sobre o mesmo período de 2021), o Ebitda atingiu R$ 1,5 bilhão (+38,6%) e o lucro líquido foi de R$ 1,2 bilhão (+36,5%). No consolidado do ano, os resultados também foram extremamente positivos. Receita líquida de R$ 29,9 bilhões (+26,9% sobre 2021), Ebitda de R$ 5,6 bilhões (+20,1%) e lucro líquido de R$ 4,2 bilhões (+17,3%).

Das receitas, 50,3% vêm do mercado externo e 49,7% do interno. Mas a operação no Brasil cresceu 38,4% na variação anual, contra 17,3% dos negócios no exterior. Segundo os executivos da empresa, por aqui o desempenho se deu em função da demanda por equipamentos industriais como motores elétricos e componentes de automação, assim como nas soluções relacionadas à geração de energia renovável, especialmente eólica e solar, além de transmissão e distribuição. Fundada em 1961, a WEG é uma empresa com operações industriais em 15 países e presença comercial em mais de 135. Uma gigante tocada por mais de 39 mil colaboradores que não vai esperar para entrar no promissor mundo da mobilidade elétrica. S

ENERGIA LIMPA
Carlos Grillo está de olho na crescente demanda do segmento, principalmente em caminhões e ônibus

10
PERGUNTAS PARA
FERNANDO MANTOVANI
DIRETOR GERAL DA ROBERT HALF

Lana PINHEIRO

"OU AS EMPRESAS ENTENDEM QUE O FUNCIONÁRIO É UM CLIENTE, OU NÃO VÃO ACESSAR OS GRANDES TALENTOS"

Encontrar, atrair e reter talentos. Tarefas antes básicas para os departamentos de recursos humanos ganharam ares mais complexos nos últimos anos. Além das mudanças que surgiram nas relações de trabalho em decorrência da pandemia da Covid-19 como a demanda pelo trabalho híbrido, o recrudescimento da agenda ESG está desafiando o sistema a mudar para ser mais diversificado e inclusivo. Nesta entrevista à DINHEIRO, Fernando Mantovani, executivo que comanda as operações da recrutadora Robert Half na América do Sul, fala sobre os impactos dessas e outras tendências e alerta as companhias dos riscos que correm ao não modernizar a proposta de valor que oferecem a seus funcionários. "A mão de obra está escassa e é ela que traz diferencial para as companhias. Sem talentos não há futuro", afirmou.

Na pandemia, o modelo de trabalho foi colocado em xeque e as relações entre funcionário e empresa mudaram. O que ficará e o que será descartado?

Essa não é uma resposta simples. Durante a pandemia, as empresas foram forçadas a tomar decisões rápidas. A crise passou e algumas delas estão voltando atrás precipitadamente, principalmente quando os resultados alcançados não estão no patamar que se considera ideal. O engraçado é que muitas dessas mesmas companhias passaram os dois anos de home office registrando excelentes

 | FOTO: CLAUDIO GATTI

resultados. Ao menor sinal de redução de desempenho, porém, atribuem o fato ao novo modelo de trabalho. Mas isso é natural. Em uma crise, a tendência do ser humano é voltar ao passado. Na outra ponta, a consequência é o grande descontentamento dos trabalhadores obrigados a voltar para um sistema antigo porque o chefe quer. As empresas que não oferecem alguma flexibilidade terão dificuldades de atrair talentos.

Uma dessas novas tendências é o nomadismo digital — trabalhando em home office, o profissional pode morar em qualquer cidade, estado ou país. Essa tendência arrefeceu?
Acho prematuro dizer que isso é uma tendência. O nomadismo foi mais comum em empresas de TI ou para profissionais delas. Ainda que pessoas de outras áreas o tenham experimentado, falar em escala é difícil porque há limitações como a questão do fuso horário. Para mim, o mais interessante nesse campo é que, ao contrário do que acontecia, um funcionário tem mais chances de pleitear e conseguir autorização para ficar três, seis meses em outro país estudando, por exemplo, do que antes. É mais difícil para um líder moderno barrar um pedido assim.

O senhor usou a expressão líder moderno, mas ainda há possibilidades de líderes que não entendem os avanços nas relações se manterem nos empregos?
Um monte. Temos líderes de empresas modernas com posições muito conservadoras nas relações de trabalho. Empresas de tecnologia que querem 100% do time presencialmente. É aqui que o funcionário se pergunta: 'É sério isso?' Funcionou durante dois anos, por que não vai funcionar agora? Só que em tempos de crise, a tendência é que as pessoas busquem segurança no modelo no qual foram doutrinados e aí volta tudo para trás.

Qual o impacto na atração de talentos?
Fica mais difícil contratar bons profissionais. E aqui está o problema. A mão de obra está escassa e é ela quem traz diferencial para as companhias. Ou as empresas entendem que o funcionário é um cliente, ou não vão acessar os grandes talentos. Mas sabe qual é a verdade? Elas vão continuar contratando. Sempre haverá gente que precisa trabalhar a qualquer custo. Como conseguem contratar, admitem que estão fazendo certo e que está indo tudo bem. A questão é quão bem essa empresa quer ir. Ainda mais se pensarmos no longo prazo.

Do lado do profissional, uma mudança importante que começou bem antes da pandemia e se fortaleceu com a polarização política do último ano é a impressão de que não há consequências para a liberdade de expressão possível nas redes sociais. Como lidar com a confusão entre o público e privado?
Ambos os lados precisam ter cuidado. Soube de um caso em que um executivo são-paulino trabalhava para uma empresa que patrocinou uma ação de marketing de um time adversário. O São Paulo venceu e ele fez uma brincadeira nas redes sociais com o time perdedor. Foi demitido. Isso é uma grande bobagem. Ambas as partes precisam agir de maneira institucional. Agora, os funcionários precisam entender que qualquer opinião pública pode ter um impacto. Ele precisa ser maduro o suficiente para entender que terá de lidar com as consequências de sua escolha. E nem sempre as consequências são o que ele enxerga como justas.

Outro movimento ainda mais recente foi o quite quitting, em que os jovens expressavam seu descontentamento no trabalho fazendo uma espécie de corpo-mole, sem performar o que era esperado. É um movimento relevante?
Esse é um movimento que rodou o mundo inteiro e que aconteceu em decorrência da pandemia. Muitas pessoas trabalharam excessivamente durante o isolamento social. Trabalhar era a grande distração naquele momento, e agora elas estão estressadas. Não acho que o quite quitting é um movimento tão orquestrado assim. Ele é uma reação natural do ser humano. Acho que isso faz parte do pêndulo de acomodação do mercado pós-pandêmico.

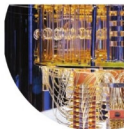
Recentemente, a Robert Half divulgou o dado de que 49% dos profissionais empregados querem mudar de emprego. Vocês chegaram a identificar as causas?
Historicamente, as pessoas mudam de emprego por quatro motivos: qualidade de vida, relação com o líder, perspectivas de carreira e dinheiro. As pessoas andam falando muito sobre alinhamento de propósito, mas ainda não existe um movimento tão forte a ponto de dizer que esse fator influencia efetivamente. A ordem dessa lista muda dependendo da época do estudo. Agora, por exemplo, o dinheiro está começando a aparecer mais frequentemente. Por quê? Porque está mais caro viver.

Essa incidência de pessoas procurando emprego está maior?
Está crescendo. Normalmente quando a taxa de desemprego cai, o desejo de mudar de emprego aumenta. As empresas começam a assediar as pessoas empregadas, oferecem salários maiores, benefícios melhores. O resultado é um ambiente em que as pessoas começam a pensar mais em mudanças. Além disso, tem pessoas que depois de um pico emocional, como aconteceu durante a pandemia, resolvem mudar de vida e o emprego entra nesse pacote.

Do lado das empresas há uma busca pela diversidade. Há uma preocupação real na inclusão ou é só uma questão estatística?
Diversidade e inclusão são assuntos novos para as empresas e tratar disso custa dinheiro, porque não basta atrair tem que reter. Então, é preciso investir tempo e recursos em um processo de educação e isso tem gasto. Diversidade ainda não é assunto para toda e qualquer empresa. Já começou nas empresas maiores e tende a se espalhar pela cadeia, mas levará tempo.

O Chat GPT está provocando muitas reflexões sobre o seu impacto no mercado de trabalho. Qual sua avaliação do uso da inteligência artificial em substituição ao talento humano?
Revolução tecnológica é fato dado, não temos que lutar contra e sim saber usar. Do mesmo jeito que morrem profissões nascem outras. Essa é a evolução da sociedade. ■

MULTI E HIKVISION EXPANDEM PARCERIA

A brasileira Multi e a chinesa Hikvision, líder mundial no fornecimento de soluções e produtos de segurança e IoT, já haviam anunciado parceria em abril. Agora, ela foi expandida para uma linha de soluções em monitoramento por vídeo, principalmente para o mercado veicular, com aplicações em frotas de veículos de segurança pública, além do transporte agrícola, coletivo, de valores e de mercadorias. "A pauta segurança nunca esteve tão evidente no Brasil", afirmou Caio Auricchio Dias, diretor de produtos da Multi. "A oferta de soluções público e privadas têm potencial de criar operações mais eficientes e rentáveis aos clientes."

R$ 60 MILHÕES PARA A TECNOLOGIA QUÂNTICA BRASILEIRA

A Embrapii (Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial) foi destaque no levantamento da Qureca, empresa britânica de capacitação e de fomento empresarial em tecnologia quântica, como única iniciativa na América Latina de desenvolvimento de uma tendência global da indústria do futuro. O Brasil está incluído em razão da criação do Centro de Competência em Tecnologias Quânticas, a partir de uma chamada pública aberta com investimento de R$ 60 milhões. O início das atividades do centro está previsto para agosto deste ano.

STEM: O OBSTÁCULO BRASILEIRO NO MUNDO T E

Pesquisa da IBM conduzida pela MorningConsult – feita com mais de 14 m
profissionais em busca de emprego ou mudança de carreira em 13 países – me
financeiro e o desconhecimento sobre o ensino e as carreiras STEM (acrônimo em
ciências, tecnologia, engenharia e matemática) é a maior dificuldade dos br

Preparação

60% dos profissionais em busca de um novo emprego dizem não estar qualificados academicamente para trabalhar em áreas STEM

67% dos que estão em transição de carreira também não se sentem preparados

Carreira em mudança

dos entrevistados se sentem confiantes em desenvolver habilidades ou aprender algo novo em um programa on-line

59% dos entrevistados estão interessados em trabalhar em um emprego em áreas de STEM

Preocupações

acham que não conseguirão encontrar um emprego STEM que pague o suficiente

acham que há menos empregos STEM em seus países do que fora

T EC

14 mil estudantes e
— mostra que o custo
no em inglês para
os brasileiros

Oportunidades

8 em 10
acham que os empregos STEM em todos os setores vão crescer na próxima década

8 em cada 10
que obtiveram uma certificação digital concordam que foi útil para alcançar seus objetivos de carreira

78%
acham que as certificações digitais são uma boa maneira de complementar a educação tradicional

Acompanhe o atendimento da sua equipe em tempo real

Vários atendentes simultâneos

Centralize todos seus canais de comunicação

POLI PROJETA 1 BILHÃO DE MENSAGENS EM 2023

A Poli, empresa goiana fundada em 2018, é uma solução de comunicação omnichannel que já registrou mais de 25 milhões de atendimentos. Foram 600 milhões de mensagens somente em 2022. Para este ano, a startup busca aumentar o número de atendimentos a 1 bilhão de mensagens, com foco na qualidade da relação entre consumidores e vendedores. Para pequenas e médias empresas, a tecnologia integra redes como Whatsapp e Instagram, proporcionando o gerenciamento centralizado dos contatos feitos. Também é possível criar anúncios e mensurar os retornos em termos de alcance, conversão de cliente e faturamento, tudo on-line e automatizado. A ferramenta tem ainda catálogo de produtos, carrinho de compras e recebimento. "Nosso principal objetivo é educar o mercado para uma interação mais efetiva", afirmou Alberto Filho, cofundador e CEO na Poli.

PESQUISA DA ORACLE MOSTRA ESTRATÉGIA DE CIOS

Multicloud, uma combinação da utilização de diferentes nuvens (públicas, privadas e híbridas), se confirma em tecnologia corporativa, de acordo com estudo da 451 Research e S&P Global Market Intelligence, encomendado pela Oracle Cloud Infrastructure. A pesquisa descobriu que quase todas as jornadas para nuvem agora estão se tornando multicloud. Das empresas, 64% estão usando ou planejam usar pelo menos dois ou três provedores de infraestrutura de nuvem, 32% estão usando quatro ou mais e 2% usam mais de dez provedores, os outros 2% são as empresas que utilizam apenas um provedor. "A mentalidade de balcão único não existe mais quando se trata de nuvem", disse Melanie Posey, diretora de Pesquisa, Cloud & Managed Services Transformation da 451 Research. "A multicloud é a realidade dos ambientes de tecnologia empresarial, pois as organizações buscam obter a combinação certa de soluções e recursos, para operar com mais eficiência."

PAPO DIGITAL

A plataforma de empregabilidade Worc, focada no setor de foodservice, espera atuar na abertura de mais de 20 mil vagas em 2023. Com tecnologia para o RH de pequenas, médias e grandes empresas do setor, integra admissão, gestão, educação e ambientação dos profissionais. O objetivo é conectar as pessoas a oportunidades de trabalho com tecnologia, de maneira ágil e totalmente gratuita para os candidatos. Confira as expectativas da plataforma segundo Alex Apter, CEO da Worc.

Por que é importante aumentar a empregabilidade no setor e qual o gargalo?
Existem mais de 8,5 milhões de pessoas desempregadas no Brasil e a projeção de mais de 1,5 milhão de contratações no food service em 2023. Além disso, o setor tem taxa de turnover muito alta, então a Worc surge como solução para ajudar a reduzir isso.

Quais tecnologias são utilizadas para ajudar os candidatos?
Desenvolvemos um algoritmo que realiza o match perfeito entre eles e as empresas, gerando uma entrevista de emprego mais assertiva. Ajuda os candidatos a encontrarem um trabalho até sete vezes mais rapidamente do que de formas tradicionais, perto de suas casas e com expectativas salariais alinhadas.

E para as contratantes?
Os estabelecimentos cadastrados na plataforma têm um software de RH que ajuda não só no recrutamento, mas também com sistema de admissão digital, assinatura dos contratos, treinamentos de colaboradores de forma digital e dinâmica, ponto eletrônico, gestão de escala inteligente e equipe na nuvem.

Quem paga a conta?
A Worc é uma plataforma totalmente gratuita para os candidatos. Os estabelecimentos pagam para ter acesso às funcionalidades oferecidas.

INFOGRÁFICO: FABIO X | FOTOS: ISTOCK | DIVULGAÇÃO

SOLUÇÃO PARA EVITAR PERDAS

CRIADA PELA SEGURADORA MITSUI, SHAPE DIGITAL CRESCE COM APLICAÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PREDITIVA PARA O SETOR DE ÓLEO E GÁS

Victor MARQUES

Existe uma robusta árvore genealógica por trás da Shape Digital. A empresa criada há menos de três anos é uma spin-off da Modec (que nasceu no fim dos anos 1960), o braço petroleiro da seguradora Mitsui (de 1947). O grupo que a criou teve faturamento de US$ 81,2 bilhões entre abril e dezembro de 2022 e é um dos maiores conglomerados japoneses. No fim de 2020, a Shape surgiu para oferecer soluções inovadoras ao setor de produção de óleo e gás offshore. E agora começa a expandir a atuação para novos verticais, como papel e celulose, mineração e geração de energia. "Queremos replicar o que aprendemos no setor altamente eficiente de óleo e gás para os demais da indústria de base", disse à DINHEIRO Henrique Domakoski, vice-presidente global de Vendas e Marketing da companhia.

Utilizando inteligência artificial para soluções de manutenção preditiva, a empresa está presente em mais de 20% da produção nacional de óleo e gás, com soluções operando em seis navios-plataforma no Brasil. Embora pouco conhecida, ela é responsável por gerar anualmente o equivalente a US$ 150 milhões em produção incremental de óleo e na operação da frota de navios com capacidade para processar e armazenar petróleo, FPSOs, na sigla em inglês. Com média de 1,74 dia de tempo de parada evitado por ano, a Shape reduziu em mais de 10% das interrupções

"Ela [a inteligência artificial]aprende com o histórico do cliente, coletando dados em eventos anteriores para estimar novas ocorrências, evitando prejuízos milionários"

CAIO SENE, VP DE TECNOLOGIA DA SHAPE DIGITAL

 FOTOS: ISTOCK | LETICIA AKEMI | DIVULGAÇÃO

MENOS CARBONO Vice-presidente global da Shape Digital, Henrique Domakos afirmou que a empresa desenvolve sistema para identificar possibilidades de reduzir emissões de gases do efeito estufa

de produção das unidades. Os dados são da empresa, que não revela faturamento por aqui.

Tamanho desempenho chamou a atenção da Petrobras, que firmou uma parceria de P&D com a Shape em dezembro de 2022, visando o codesenvolvimento de um Virtual Engineering Tool (VET), ou engenheiro virtual, capaz de realizar simulações assistidas mais rápidas e precisas. O objetivo é indicar o melhor momento para a limpeza das membranas de remoção de sulfato presentes nas plataformas de produção. A previsão é de que o projeto seja entregue nos próximos meses.

As soluções de monitoramento e manutenção preditiva utilizam uma extensa biblioteca de modelos de dados e mais de 70 mil equipamentos monitorados. "Ela aprende com o histórico do cliente, coletando dados de paradas em eventos anteriores para estimar novas ocorrências, evitando prejuízos milionários que podem colocar em risco não apenas a operação, mas também a segurança dela", disse Caio Sene, VP de tecnologia da Shape Digital. O conjunto de ferramentas de monitoramento pode ser aplicado em diferentes tipos de equipamentos, como turbinas, compressores e bombas. A inteligência artificial verifica os diversos sensores presentes nas plantas e consegue fazer previsões de manutenção, reduzindo o downtime e os custos com reparos emergenciais.

PLANOS Este ano, a empresa pretende expandir para segmentos como papel e celulose, mineração e geração de energia. Segundo o vice-presidente global Domakoski, os planos são para aumentar a base de clientes, validando ainda mais as tecnologias e o modelo de negócio no mercado, que foi reconhecido como Global Lighthouse (índice de inovação) da Indústria 4.0 pelo World Economic Forum. Outro foco, inevitável, é a sustentabilidade. "Sabemos que a indústria de base é uma das principais contribuintes das emissões de gases do efeito estufa", afirmou. "Estamos desenvolvendo um produto que aproveita a nossa experiência para identificar possibilidades de redução". S

Cobiça

POR CELSO **MASSON**

RECORDE NA PISTA
A versão SRV, vendida no Brasil a R$ 874.950, fez o melhor tempo para um SUV desse porte no autódromo de Interlagos, em São Paulo. A velocidade, porém, não é seu único atrativo

ACESSÓRIO

PILOT CASE RIMOWA: CLÁSSICA POR R$ 8.550

No início da década de 1960 a fabricante alemã de malas Rimowa lançou um case para atender aos pilotos da aviação comercial que se encaixava perfeitamente entre os assentos da cabine de comando. O modelo se tornou objeto de desejo pelo design e funcionalidade. Em alumínio frisado e com interior espaçoso, é usado por DJs, chefs de cozinha, maquiadores e executivos (nele cabe um laptop de 16 polegadas) em suas viagens pelo mundo. Uma nova versão, de aparência vintage, chega agora às lojas e ao site rimowa.com.br custando R$ 8.550.

IMÓVEL

EXPERIÊNCIA 3D VENDE **COBERTURA DE R$ 32 MILHÕES**

Com 728 m², a cobertura do empreendimento Kalea Jardins, lançado pela construtora Tecnisa em São Paulo, acaba de ser vendida por R$ 32 milhões. Com um detalhe tecnológico: o comprador conheceu o apartamento e as áreas comuns do edifício por meio de uma experiência imersiva em 3D. "Foi a primeira vez que negociamos um apartamento de valor agregado tão alto de forma on-line, o que não é comum no mercado imobiliário", afirmou o presidente da Tecnisa, Fernando Tadeu Perez. Embora a cobertura já tenha sido comercializada, ainda restam unidades de 368 m², com quatro suítes e quatro vagas de garagem. A previsão é que o Kalea (palavra que significa amor e felicidade para os havaianos) seja entregue no segundo semestre de 2026. Informações: tecnisa.com.br.

 FOTOS: LUIS VINHAO | DIVULGAÇÃO

JAGUAR F-PACE GANHA VERSÕES HÍBRIDA E V8 DE 550 CAVALOS QUE VAI DE ZERO A 100 KM/H EM 4 SEGUNDOS. QUAL A SUA ESCOLHA?

O futuro é elétrico, mas o presente é híbrido. Ou, ainda, 100% a combustão. Essa é a conclusão que se chega ao avaliar as novas versões do SUV Jaguar F-Pace. Em 2023, o modelo pode ser encomendado em três opções de motorização, ao gosto do cliente. Com motor a combustão de 340 cavalos e sistema híbrido leve que usa o alternador para recuperar a energia e alimentar uma batera de lítio-íon, a R-Dynamic SEP340 é a oferta da marca para quem não quer se preocupar com a recarga elétrica e ainda assim reduzir o consumo de gasolina e a emissão de CO_2. Custa R$ 628.950. Mais potente (400 cv) graças à motorização híbrida plug-in a versão R-Dynamic S 2.0 PHVE está á venda por R$ 612.950). E para aqueles que ainda preferem um motor V8 de 550 cavalos sem auxílio de eletricidade, a montadora desenvolveu um superesportivo que acelera de zero a 100 km/h em apenas 4 segundos. O F-Pace SVR (R$ 874.950) é tão veloz que definiu um novo recorde de tempo para um veículo desse segmento no autódromo de Interlagos, fechando a volta de 4,3 quilômetros em 1 minunto e 54,5 segundos. Ainda que com três motorizações e potências distintas, todas as versões apresentam o mesmo pacote tecnológico para garantir o máximo de conforto e segurança.

"A arte é uma flor nascida no caminho da nossa vida e que se desenvolve para suavizá-la"

ARTHUR SCHOPENHAUER
(1788-1860)
FILÓSOFO ALEMÃO

BEBIDA

UM TOQUE **DE REALEZA**

Criado há mais de um século, o Dry Martini era o coquetel favorito da Rainha Elizabeth (1926-2022) e, não por acaso, é conhecido no mundo da mixologia como rei dos drinques. Para quem não quer ter o trabalho de prepará-lo, já existem versões prontas no mercado. Basta verter o conteúdo gelado em um copo e beber. Aproveitando do Dia da Mulher, em 8 de março, a APTK Spirits está lançando uma garrafa de Dry Martini adornada com strass pelo valor de R$ 420.

ARTE

GALERIA ABRE **TEMPORADA DE LEILÕES** EM LONDRES

Com expectativa de alcançar a soma de 9 milhões de libras esterlinas, ou R$ 56.774.702 pelo câmbio oficial da quarta-feira (28), uma obra sem título do pintor holandês Willem de Kooning (1904-1997) é um dos destaques do catalogo da exposição Titans of the 20th Century, que abre a temporada de leilões da galeria Phillips, em Londres. Além da obra abstrata do holandês, é possível arrematar, em lances on-line, peças de valor mais modesto, caso do óleo sobre tela Threshold, de Caroline Walker, pintado em 2014, que reproduz banhistas em torno de uma piscina, e de Skulldiver II, de Cecily Brown, a primeira imagem à esquerda. São esperados lances de até 200 mil e 1 milhão de libras para cada uma das telas, respectivamente. Informações: phillips.com.

A ECONOMIA CIRCULAR E O FUTURO DA DECORAÇÃO

Com a plataforma Second Floor, dedicada à venda de objetos e móveis usados, o e-commerce Theodora Home atualiza o conceito de antiquário para atender novas demandas da sociedade **Celso MASSON**

CURADORA Marcela Caio, sócia da Second Floor, quer educar o público sobre o consumo de segunda mão

Bem antes da popularização do termo economia circular, o mercado de móveis e objetos decorativos já cumpria um papel que ganhou novo fôlego na era do ESG. Se hoje o reúso é uma das formas mais sensatas de reduzir o impacto ambiental da indústria de luxo, no passado os antiquários eram os lugares onde arquitetos, decoradores e clientes em busca de itens para casa garimpavam peças que poderiam ganhar vida nova em outra casa. O que era nicho virou tendência global. Segundo estudo da plataforma de usados ThredUp, até 2026 o mercado de segunda mão crescerá 16 vezes mais rápido que a média do varejo. Outro dado da pesquisa: metade das transações de segunda mão será on-line já no próximo ano.

Essas duas conclusões, somadas a um gosto pessoal por objetos do passado, encorajaram as irmãs Marcela e Paula Caio, sócias do e-commerce Theodora Home, a lançar uma nova marca amparada nos pilares da economia circular. Com abertura prevista para a segunda-feira (6), a TH Second Floor funcionará como "uma curadoria afinada de móveis e objetos de personalidade que estão prontos para continuar fazendo história", nas palavras de Marcela. "Queremos ajudar as pessoas a comprar, vender e ressignificar móveis e objetos de maneira fácil e segura." Segundo ela, a proposta inclui educar o público sobre o consumo de segunda mão em mobiliário e decoração a partir da expertise acumulada em mais de uma década de atuação da Thoedora Home em décor e design.

DO BERÇO AO BERÇO A economia circular na decoração entrou em voga em 2002 com o livro-manifesto *Cradle to Cradle*, de William McDonough e Michael Braungart, que ganhou edição brasileira em 2014 com o subtítulo *Criar e Reciclar Ilimitadamente* (Editora Gustavo Gilli). A obra refuta a ideia de que o ciclo de vida de um produto manufaturado vai do berço ao túmulo, em um processo linear de extração, produção e descarte. Passados 20 anos desde que o conceito Cradle to Cradle (C2C) surgiu, ele já originou até uma certificação, hoje adotada por empresas como Saint Gobain e C&A. A proposta da Second Floor se alinha a esse pensamento ao refletir as demandas da sociedade para reduzir o impacto ambiental da produção e do consumo de objetos de decoração.

Marcela, que atuou no mercado financeiro antes de estudar design em Florença e em Paris, entende que há ainda ganhos econômicos no segundo uso. Isso vale tanto pela redução dos custos de extração e processamento de matérias-primas quanto por criar "oportunidades de negócios na indústria do reaproveitamento", afirmou. A Second Floor tem como característica unir

FOTOS: DIVULGAÇÃO

ACERVO RARO A garimpagem de peças para a plataforma se apoia na expertise das sócias em objetos de decoração e design

duas pontas do mercado: de um lado, clientes que apreciam peças vintage, arquitetos e colecionadores; de outro, pessoas físicas interessadas em vender suas peças antigas para a plataforma.

Para que funcione na prática, as empreendedoras buscaram boas referências internacionais. Uma delas é a startup americana de compra e venda de móveis AptDeco, que oferece produtos novos, usados e vintage em diferentes faixas de preço — da sueca Ikea até à grife de móveis de escritório Herman Miller. Outras inspirações são o marketplace Chairish e a plataforma 1stDibs, que revende apenas peças de alto luxo. Na visão desses players, todo objeto de decoração sempre pode ser uma segunda vida. E isso é bom para o planeta. S

ARTELASSÊ EM BONS LENÇÓIS

Lara SANT'ANNA

Empresa investe R$ 20 milhões em abertura de lojas físicas e aposta na qualidade de produto e serviço personalizado para crescer 50% em 2023

Passado e futuro se entrelaçam na história da família Carniatto desde 1950, quando o patriarca, Eloy, fundou uma tecelagem na cidade de Itatiba, no interior de São Paulo. A empresa chegou a ter 1 mil funcionários. Com a morte do fundador, porém, os herdeiros decidiram seguir outros caminhos. Em 1984, criaram a Artelassê, dedicada a produzir enxovais de luxo. Por muito tempo, a empresa atuou apenas por meio de lojas multimarcas. Isso mudou nos últimos dois anos, quando a atual geração à frente do negócio decidiu investir em lojas próprias como forma de valorizar a alta qualidade do que produz, sempre com matérias-primas nobres como linho e algodão egípcio.

Desde então, foram destinados R$ 20 milhões para a abertura de pontos de venda em shoppings consagrados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Atualmente, a Artelassê tem 180 funcionários e nove lojas em operação. "Eu falo que meu avô teve 1 mil funcionários. Meu sonho pessoal é ter 2 mil", disse Felipe Carniatto, diretor comercial da empresa familiar, sem revelar o faturamento atual.

EM CASA A expectativa da empresa é crescer 50% este ano. Na conta entram duas lojas que ainda serão abertas: uma no Shopping Cidade Jardim, na capital paulista, outra no Catarina Fashion Outlet, em São Roque (SP). Segundo Carniatto, o tíquete médio nas lojas é de R$ 7 mil e a rede própria já responde por metade da receita, composta pelas vendas para multimarcas e pelo e-commerce. Uma das apostas da grife para seguir crescendo é o serviço personalizado, com consultoria e atendimento domiciliar para montar a cama do cliente. "Nesse ritmo, seremos a marca top of mind do segmento em três anos", afirmou Carniatto. S

"Se mantivermos o ritmo de crescimento, seremos a marca top of mind do segmento em três anos"

FELIPE CARNIATTO
DIRETOR COMERCIAL DA ARTELASSÊ

OCUPAÇÃO CRIATIVA

DW!, A SEMANA DE DESIGN DE SÃO PAULO, CHEGA À 12ª EDIÇÃO REUNINDO EMPRESAS E PROFISSIONAIS PARA APRESENTAR LANÇAMENTOS E CELEBRAR A BOA FASE DA PRODUÇÃO NACIONAL

Lara SANT'ANNA

Movimentar o mercado de design brasileiro é a proposta de Lauro Andrade há 12 anos, desde que criou a DW! Semana de Design de São Paulo. O evento se tornou o principal do setor na América Latina e, em sua 12ª edição, planeja voltar aos patamares pré-pandemia, com expectativa de receber 50 mil pessoas entre os dias 11 e 19 de março com uma programação que soma 200 atividades e 120 marcas parceiras. Assim como já ocorreu em anos anteriores, a DW! irá se espalhar pela capital paulista com ativações, palestras, lançamentos e exposição de trabalhos autorais de produtos, arquitetura, arte e urbanismo. A inspiração, segundo Andrade, veio do Salone del Mobile, em Milão, na Itália, uma das mais tradicionais e importantes feiras do segmento no mundo. Dela nasceu o formato de ocupação e de valorização da criatividade.

Mais que uma feira, a DW! tem como característica unir os elementos que Andrade entende serem a base da potência do design nacional. Um é o criativo, profissional que pensa e desenvolve novas formas e funcionalidades. Outro, o empreendedor, que viabiliza a produção e o comércio das peças. Neste ano, essa frente é representada por empresas como a Suvinil, de tintas, e os shoppings especializados D&D e Lar Center. Por fim, entram biodiversidade e recursos naturais, que possibilitam inspirações e materiais para a produção. "Quando você junta esses três elementos, que temos em abundância, o País oferece uma agenda incrível", disse Andrade.

Para ele, prova disso é o produto nacional ter se tornado regra na decoração. "Há uma década, o sonho do arquiteto ou designer de interiores era ter em seu projeto uma marca italiana. Hoje, em um projeto médio, 90% da especificação de produtos são de autores brasileiros, fabricados no País e vendidos por lojista nacional".

> **"Hoje, em um projeto médio, 90% da especificação de produtos são de autores brasileiros, fabricados no País e vendidos por um lojista nacional"**
>
> **LAURO ANDRADE**
> CRIADOR DA DW!

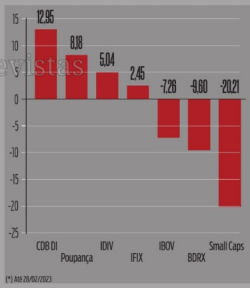
POLÍTICA PÚBLICA Pelo fato de ocupar a cidade, o evento deixa suas marcas também no espaço urbano. Em 2014, por exemplo, a DW! foi precursora dos parklets, extensões das calçadas em vias da cidade com o intuito de promover convivência de pessoas em espaços antes destinados a estacionar carros. A ideia acabou sendo integrada como política pública durante a gestão do prefeito Fernando Haddad, hoje ministro da Fazenda.

Na visão de Andrade, o próximo passo da DW! é tornar o trabalho autoral mais democrático, uma vez que hoje ele ainda é restrito a um pequeno grupo de consumidores de alto poder aquisitivo. Segundo ele, a exemplo de mercados mais maturados, onde há oferta de peças assinadas em volume comercial, esse caminho é possível, basta paciência. "Tem muito mais a ver com o tempo de desenvolvimento dessas cadeias do que propriamente de um elitismo", afirmou o criador da DW!.

CONFIANÇA DO CONSUMIDOR RECUA

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) recuou 1,3 ponto em fevereiro para 84,5 pontos, mostram dados divulgados pela Fundação Getulio Vargas (FGV). O número é o menor nível desde agosto de 2022 (83,6 pontos). Em médias móveis trimestrais, o índice recuou 0,3 ponto para 86,1 pontos, terceira queda mensal consecutiva. Segundo a coordenadora das Sondagens da FGV, Viviane Seda Bittencourt, há uma percepção de piora nas famílias de menor poder aquisitivo. "As perspectivas ainda são cautelosas, apesar de os consumidores ainda serem otimistas em relação ao mercado de trabalho, o que parece ter sustentado as expectativas sobre economia e emprego com indicadores acima dos 100 pontos", disse.

TAXA DO CDI SUPERA OUTRAS APLICAÇÕES

Os Certificados de Depósitos Bancários (CDB) atrelados a 100% da taxa do CDI (depósito interfinanceiro) renderam 12,95% em 12 meses até fevereiro, mostra levantamento do TradeMap realizado na terça-feira (28). A remuneração proporcionada pelo DI está acima de qualquer outra aplicação financeira, como a poupança, que rendeu 8,18%. Do outro lado, a renda variável foi a que mais sofreu. O Ibovespa apresentou queda de 7,26% quando comparado com os 113 mil pontos do último pregão de fevereiro de 2022. Já o índice de BDRs teve baixa de 9,6% em 12 meses. O pior resultado entre as aplicações ficou com o índice de Small Caps, que reúne empresas com capitalização de mercado abaixo de US$ 2 bilhões, que desabou 20,21%. Os números apresentados são explicados pela alta da taxa básica de juros da economia, a Selic, que subiu de 7,75% em fevereiro de 2021 para o patamar atual de 13,75% ao ano. Com isso, a renda fixa ficou rentável, o que gerou uma fuga de capital da renda variável, pressionando os indicadores para perdas.

Fonte: TradeMap

PRÉVIA DA INFLAÇÃO SOBE 5,63%

A prévia da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15) ficou em 5,63% em 12 meses até fevereiro, mostram dados divulgados pelo IBGE na sexta-feira (24). Em fevereiro do ano anterior, o indicador mostrava crescimento de 5,87% em 12 meses. Apenas no mês passado, a prévia da inflação cresceu 0,76%. Com exceção de vestuário, cujos preços recuaram 0,05% depois da alta de 0,42% em janeiro, oito dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados tiveram alta no mês de fevereiro. A maior variação veio do grupo educação, com avanço de 6,41%. Nesse segmento, a maior alta veio dos cursos regulares (7,64%), por conta dos reajustes praticados no início do ano letivo.

A MONTANHA-RUSSA DAS CRIPTOS

Bruno ANDRADE

Bitcoin sobe 41% em dois meses após expectativas de fim do aperto monetário do Fed. Alta é consistente ou apenas voo de galinha?

O bitcoin surpreendeu os investidores nos primeiros dois meses de 2023. O criptoativo subiu 41% após ir de US$ 16,6 mil para US$ 23,4 mil. Não foi só ele que se deu bem. O ethereum, a segunda criptomoeda mais famosa, subiu 36% no mesmo período. Porém, quem olhar somente o desempenho de 2023 do bitcoin e do ethereum pode se enganar. Aportar em criptomoedas é a mesma coisa que colocar o seu dinheiro em uma montanha-russa. Ora acelera e sobe, ora cai com uma força imensa. Prova disso foi a queda de 64,3% do bitcoin e de 67,5% do ethereum em 2022. Para Guilherme Bento, especialista da Acqua Vero, as baixas do ano anterior estão diretamente ligadas ao aumento das taxas de juros dos EUA pelo Federal Reserve (Fed). O Fed Funds saiu de 0% a 0,25% e foi para 4,5% e 4,75% ao ano. "Quanto maior o juro do Fed, menor é o valor do bitcoin e do ethereum", afirmou Bento.

Mesmo assim, alguns analistas veem o bitcoin e o ethereum como boas oportunidades de investimentos. Para Raquel Vieira, especialista em criptomoedas da Top Gain, um motivo para isso é o fato de o mercado cripto ter se antecipado em relação ao aperto monetário americano. "No final de 2021 e início de 2022, o mundo cripto precificou a alta de juros antes mesmo de começar." Vinicius Bazan, analista de criptoativos da Empiricus, concorda e diz que esse movimento, de se adiantar ao mercado, acontece agora novamente. "A expectativa é de que a inflação começou a ser controlada e aos poucos deve chegar na meta, o que pode significar um alívio no aperto monetário, dando espaço para ativos como bitcoin e ethereum."

(*) Até 28/02/2023
Fonte: Investing

 FOTO: KEVIN DIETSCH

“Temos uma visão diferente da visão do mercado”

JEROME POWELL, PRESIDENTE DO FED, AO SER QUESTIONADO SOBRE QUANDO SERIA O FIM DO APERTO MONETÁRIO

REALIDADE São expectativas que estão na mão do Fed. No fim de janeiro, na última reunião do Fomc — comitê que decide pelo juro americano, como o brasileiro Copom — o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, deixou clara sua estratégia. Ao ser questionado se o Fed colocaria o fim do aperto monetário a partir da reunião de 3 de maio de 2023, visto que o mercado precificou apenas mais uma alta dos juros (de 0,25%) para o encontro de 22 de março, Powell negou a possibilidade. “Vamos esperar dados mais concretos de que a inflação está controlada”, disse. “Enquanto isso não acontecer, vamos continuar subindo juros. Temos uma visão diferente da do mercado.”

É justamente para esse risco que o investidor deve se atentar. De acordo com Guilherme Bento, da Acqua Vero, o risco é alto. “O mercado pode estar precificando uma coisa e o Fed estar falando outra”, disse. “Isso pode impactar negativamente o mundo cripto, causando nova fuga de capital.” Ele comenta que deve acontecer um ajuste de 0,25% nas reuniões de março e maio de 2023. “Após esses dois aumentos, é possível dizer que o fim do ciclo de alta pode estar próximo.”

O investidor deve avaliar esse risco para estimar se vale a pena entrar no mercado de criptomoedas. E aí conta o perfil de cada um. Vinicius Bazan, da Empiricus, diz que se o perfil for conservador, o ideal é não ter exposição a esse mercado por causa da volatilidade. “O bitcoin subiu 41% em dois meses, mas nada impede de cair 30% em março. O curto prazo é instável.” Por isso, segundo ele, o perfil conservador deve ter no máximo 1% de seu patrimônio em criptos. Já o arrojado deve ter apenas 5%.

Se o investidor acreditar que as expectativas do mercado para 2023 possam se confirmar, o lucro com o bitcoin pode chegar a quase 30%, já que a projeção de analistas é que o ativo termine 2023 no patamar de US$ 30 mil. O ethereum pode chegar aos US$ 2,5 mil, potencial de alta de 51%. As chances de lucros existem. Desde que o investidor saiba suportar a forte volatilidade dessa montanha-russa.

PAPEIS AVULSOS

PÃO DE AÇÚCAR TEM PREJUÍZO DE R$ 1,1 BILHÃO

O Grupo Pão de Açúcar apresentou prejuízo de R$ 1,1 bilhão no quarto trimestre de 2022. No mesmo período de 2021 houve lucro líquido de R$ 777 milhões. O número ruim foi puxado por despesas de R$ 956 milhões com provisões para demandas trabalhistas, gastos com reestruturação e redução na receita de operações financeiras. O Ebitda ajustado, que mede o resultado operacional, ficou em R$ 236 milhões, queda de 25%. Para os analistas do BTG Pactual, os números foram fracos por causa da operação no Brasil. A receita líquida, de R$ 4,9 bilhões, ficou 2% abaixo das expectativas dos analistas. "Por outro lado as pequenas lojas de bairro foram o destaque positivo, com as vendas sobre mesmas lojas crescendo 17%", afirmaram Luiz Guanais e sua equipe, que assinam o relatório. As expectativas futuras, porém, não são nada animadoras para a empresa. "Atualmente o Pão de Açúcar está com 46% de suas vendas focadas na alta renda. Esse setor tende a continuar pressionado por causa da alta da inflação", afirmaram. "Vemos o ativo com um risco maior em relação a outras do varejo", disseram.

INDICADORES ECONÔMICOS

PIB CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	3º TRI/22	2º TRI/22	1º TRI/22	4º TRI/21	2021
PIB (DESSAZ.)	0,4%	1,0%	1,3%	0,9%	5,0%
PIB EM US$ BILHÕES *	1.837,3	1.783,7	1.698,9	1.648,8	1.648,8
ATIVIDADE **	**DEZ/22**	**NOV/22**	**OUT/22**	**SET/22**	**NO ANO**
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	0,0%	-0,1%	0,3%	-0,7%	-0,7%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO RESTRITO (IBGE)	0,4%	1,4%	2,7%	3,2%	1,0%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	-	8,1%	8,3%	8,7%	9,7%
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	79,4%	80,0%	79,8%	80,1%	80,4%
INADIMPLÊNCIA ***	**DEZ/22**	**NOV/22**	**OUT/22**	**SET/22**	**MÉDIA EM 2022**
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,3%	4,5%	4,3%	4,3%	4,3%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	5,9%	5,8%	5,8%	5,7%	5,3%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	1,9%	1,9%	1,8%	1,7%	1,8%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	2,1%	2,1%	2,0%	1,9%	1,8%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	DEZ/22 A JAN/22	NOV/22 A DEZ/21	OUT/22 A NOV/21	SET/22 A OUT/21	AGO/22 A SET/21
RESULTADO NOMINAL	-4,68%	-4,54%	-4,12%	-4,26%	-4,10%
RESULTADO PRIMÁRIO	1,28%	1,41%	1,78%	1,88%	1,92%
	DEZ/22	**NOV/22**	**OUT/22**	**2021**	**2020**
DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL	73,45%	74,57%	75,14%	78,29%	86,94%
DÍVIDA BRUTA INTERNA	64,25%	65,32%	66,07%	67,41%	77,58%
DÍVIDA BRUTA EXTERNA	9,20%	9,25%	9,07%	10,88%	11,01%
CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	**JAN/23**	**DEZ/22**	**NOV/22**	**OUT/22**	**NO ANO**
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	5.570	8.338	5.541	90.572
EXPORTAÇÕES	23.030	26.342	27.652	26.852	23.030
IMPORTAÇÕES	20.420	21.809	21.452	23.477	20.420
SALDO COMERCIAL	2.610	4.533	6.200	3.375	2.610
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-10.878	-625	-5.153	-55.668
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	324.703	331.505	325.546	324.703
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	318.548	318.682	318.304	318.548

** Acumulado nos últimos 12 meses; ** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego; *** Em proporção do volume de crédito concedido. - Recursos Livres (a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas econômicas do BACEN*

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE

MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Industrial	-4,36	-4,59
Mineração	-11,30	-8,34
Energia e Saneamento	-13,74	-9,50
Financeiro	-1,55	-10,34
Papel e Celulose	0,70	-12,21

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Petróleo e Gás	2,50	-21,84
Imobiliário e Construção	-10,58	-31,54
Consumo e Varejo	-13,48	-32,63
Petroquímico	-6,37	-36,68
Telecomunicações	-20,03	-52,77

Fonte: Austin Rating de 27/fev/2023

 | FOTO: GEORGE GARGIULO

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	FEV/23	JAN/23	DEZ/22	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	-	0,63%	0,54%	0,63%	7,20%
IGP-M (FGV)	-0,06%	0,21%	0,45%	0,15%	1,86%
IGP-DI (FGV)	-	0,06%	0,31%	0,06%	3,01%
IPCA (IBGE)	-	0,53%	0,62%	0,53%	5,77%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	-	0,49%	0,49%	0,49%	8,74%

JUROS/APLICAÇÃO	FEV/23	JAN/23	DEZ/22	NO ANO	12 MESES
CDI	0,92%	1,07%	1,12%	2,05%	13,01%
TLP	0,49%	0,48%	0,47%	0,98%	5,65%
POUPANÇA	0,58%	0,71%	0,71%	1,30%	8,15%
TJLP	0,59%	0,59%	0,58%	1,19%	6,99%
CDB/RDB - TAXA PREFIXADA MÉDIA	0,80%	1,03%	0,95%	1,81%	12,16%

CÂMBIO/PETRÓLEO	27/02/2023	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	5,196	1,90%	-0,42%	1,10%
US$/EURO	1,060	-2,38%	-0,67%	-5,73%
IENE/US$	136,08	4,64%	3,20%	17,73%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	82,07	-2,86%	-4,47%	-18,73%

MERCADOS FUTUROS 27/02/2023	MAR/23	MAI/23	JUL/23	SET/23
CÂMBIO (R$/US$)	5,188	5,245	5,307	5,366
	MAR/23	MAI/23	JUL/23	SET/23
DI DE 1 DIA (% A.A.)	13,63	13,65	13,66	13,58
	ABR/23	JUN/23	AGO/23	OUT/23
IBOVESPA (PONTOS)	107.131	109.127	111.284	113.334
	MAR/23	MAI/23	JUL/23	SET/23
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	233,05	232,80	229,20	225,95

AUSTIN

JUROS FUTUROS

27/02/2023

TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (IBGE)

RISCO-PAÍS

IPCA-15 (IBGE)

AS 10 MAIS NEGOCIADAS DO IBOVESPA

Ação	Cotação (R$)	*% mês	% ano	% 12 M	% Índice
Vale ON	86,71	-8,3	-2,4	3,3	15,308
Itaú Unibanco PN	26,71	5,5	7,0	4,8	6,670
Petrobras PN	26,80	2,8	9,4	35,7	6,364
Petrobras ON	30,23	2,6	7,8	32,4	5,479
B3 ON	11,92	-8,0	-9,3	-11,1	3,658
Eletrobras ON	36,64	-9,9	-13,0	12,0	3,566
Bradesco PN	13,12	-6,3	-9,7	-27,3	3,518
Brasil ON	40,60	-0,2	16,9	36,2	3,000
AmBev ON	13,13	-3,9	-9,6	-7,0	2,995
Weg ON	38,58	0,9	0,2	33,0	2,646

Fonte: Economática *13/02/2023

BOLSAS NO MUNDO

27/02/2023			COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)			VARIAÇÃO (US$)	
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
Brasil	Ibovespa	105.711	-6,81%	-3,67%	-6,57%	-5,04%	-4,07%
Brasil	IBrX 100	44.847	-6,92%	-3,65%	-7,57%	-5,16%	-4,05%
EUA	Dow Jones	32.889	-3,51%	-0,78%	-2,96%	-3,51%	-0,78%
EUA	Nasdaq	11.467	-1,01%	9,56%	-16,61%	-1,01%	9,56%
Japão	Nikkei 225	27.424	0,35%	5,09%	3,38%	5,02%	8,46%
China	Shanghai	3.258	0,07%	5,46%	-5,90%	2,88%	6,18%
Alemanha	DAX 30	15.381	1,67%	10,47%	6,36%	-0,75%	9,74%
França	CAC 40	7.296	3,01%	12,69%	9,56%	0,55%	11,94%
Reino Unido	FTSE 100	7.935	2,10%	6,49%	6,39%	-0,22%	6,45%

Fonte: Austin Rating

RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

*17/fev/23 (Inclui JS = Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic 23	01/03/2023	Selic	1,17%	1,84%	13,01%
Tesouro Prefixado (JS) 25	01/01/2025	Prefixado	0,63%	1,97%	9,00%
Tesouro IPCA+ (JS) 24	15/08/2024	IPCA	1,90%	2,90%	10,93%
Tesouro IGPM+ (JS) 31	01/01/2031	IGP-M	0,17%	1,27%	5,25%
Tesouro Prefixado 24	01/07/2024	Prefixado	1,00%	1,94%	9,68%

VEDETES DA SEMANA*

Ação	Setor	%
RECRUSUL	Industrial	38,93
COPEL	Energia	14,01
NORDON MET	Metalurgia	13,75
QUERO-QUERO	Varejo	10,00
MUNDIAL	Industrial	9,80

MICOS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
QUALICORP	Saúde	-12,41
IRB BRASIL RE	Seguros	-14,82
ODONTOPREV	Saúde	-15,96
LOJAS MARISA	Varejo	-16,46
BANESE	Financeiro	-27,46

Fonte: Austin Rating *27/02 a 17/02

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	104.932
Mínima	95.267
Máxima	121.628

Fonte: Economatica *28/02/2023

IBOVESPA

em milhares de pontos

*Até 28/02/2023

SE CHEGAR E PERCEBER QUE A TARIFA VAI EXPLODIR, VAMOS DAR UM PASSO ATRÁS [NA PRIVATIZAÇÃO DA SABESP]

TARCÍSIO DE FREITAS
Governador de São Paulo, ao anunciar estudo para vender a companhia

+8,76%

Foi a alta das ações da São Martinho em fevereiro, maior valorização do Ibovespa no mês, segundo o TradeMap. Para o especialista da Nexgen Capital Heitor Martins, o motivo é a alta das cotações de açúcar no mercado internacional. "Outro fator foi a reoneração dos combustíveis", disse. Apesar de anunciada no último dia do mês, o mercado se antecipou e na véspera (27), os papéis subiram 5,12%.

US$

45,7 bilhões foi o lucro líquido do Alibaba no quarto trimestre de 2022, alta de 138% na comparação com o mesmo período do ano anterior. A receita líquida foi de US$ 247 bilhões, crescimento de 2%. O Ebitda ajustado ficou em US$ 59,1 bilhões, avanço de 15% na comparação anual.

-39,83%

Foi a queda das ações da Azul no mês de fevereiro, maior baixa do Ibovespa no mês, segundo levantamento do TradeMap. Para o especialista da Nexgen Capital Heitor Martins, o tombo é explicado pela alta do dólar, que impacta nos preços dos combustíveis. "O fato de a Fitch rebaixar o rating da companhia para CCC também pesou", afirmou o especialista.

R$

2,6 bilhões foi o lucro líquido do Citi Brasil no acumulado de 2022. O número apresenta uma alta de 53% na comparação com 2021. O retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) foi de 22,4% ante os 16% do ano anterior. Já a margem financeira do Citi Brasil ficou em R$ 5,3 bilhões, expansão de 67%.

CRIPTOS

O projeto piloto do real digital, a possível criptomoeda oficial do Brasil, vai começar este mês, afirmou o presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, em evento do Instituto Brasileiro de Ensino Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), em Brasília. "Em termos de próximos passos, a gente vai ter [em março] o piloto da moeda digital funcionando e o Brasil vai ser um dos primeiros países do mundo a fazer isso", disse Campos Neto. De acordo com ele, as vantagens do real digital em relação à moeda física são menor custo de intermediação, maior eficiência e maior inclusão digital. Campos Neto comentou que a criptomoeda vai estar funcionando "no máximo até o final de 2024, à medida que as questões de segurança sobre o ativo forem avançando".

PALAVRA DO GESTOR

IAN CAÓ, SÓCIO-FUNDADOR E CIO DA GAMA INVESTIMENTOS

QUEM É E O QUE FAZ

É formado em economia pela PUC-Rio

Ian Caó foi cofundador da Paineiras Investimentos e fundador da Bozano Investimentos.

Ele também foi head de Renda Fixa e Crédito na Icatu Hartford

Qual é o foco da sua gestora e quais são os fundos que vocês possuem?

Somos uma gestora que trabalha com feeder funds. A modalidade de investimentos é similar a um fundo de fundos. Os principais fundos são Oaktree Global Credit, Bridgewater All Weather Sustainability e Lord Abbett High Income. Dentro deles trazemos grandes gestoras, como Acadian, Bridgewater e Oaktree. Além disso, trabalhamos com operações em renda fixa no exterior.

A taxa básica de juros da economia no Brasil está em 13,75% ao ano enquanto nos EUA se encontra entre 4,5% e 4,75% ao ano. Vale a pena ir para a renda fixa lá fora?

O Brasil é o país com o maior juro real do mundo, mesmo assim o melhor para o investidor é diversificar os seus investimentos. Por isso, pode ser vantajoso investir na renda fixa lá fora por causa da segurança, visto que os EUA são um país muito mais forte e da exposição ao dólar, principalmente se o investidor faz o hedge cambial. O nosso fundo de renda fixa da Oaktree, por exemplo, rendeu 9% em 12 meses. Se o investidor está com hedge cambial, ele pode facilmente ultrapassar a marca dos 14% ao ano.

O que é o hedge cambial e como ele pode ser vantajoso?

O investidor compra contratos futuros do dólar com um preço determinado previamente de quanto ele vai receber em dólar no futuro. É possível encontrar contratos que prometem pagar o dólar até 10% mais caro que o preço atual. Por exemplo, imagina que o dólar está a R$ 5 no momento da compra do contrato, que vai vencer em 12 meses. No acordo, o investidor vai pegar esses mesmos dólares a R$ 5,50. Atualmente, esse é um dos valores máximos desse contrato. Se o investidor conseguir encontrar esse contrato e investir em renda fixa lá fora, o rendimento pode ser igual ou superior ao da renda fixa brasileira.

NOTAS

HAPVIDA REGISTRA PREJUÍZO DE R$ 316,7 MI

A Hapvida reportou prejuízo líquido de R$ 316,7 milhões no quarto trimestre de 2022, mostra documento enviado ao mercado na terça-feira (28). A cifra é uma reversão do lucro líquido de R$ 200,2 milhões do mesmo período de 2021. A geração de caixa medida pelo Ebitda ficou em R$ 528,9 milhões, crescimento de 36,2%. A receita líquida somou R$ 6,5 bilhões, crescimento de 150,2%. A sinistralidade subiu de 64,9% para 72,9%, alta de 8 pontos percentuais, patamar considerado elevado por analistas de mercado.

LUCRO DA GERDAU RECUA 59,7% PARA R$ 1,2 BILHÃO

A Gerdau informou na quarta-feira (1) que registrou lucro líquido de R$ 1,2 bilhão no quarto trimestre de 2022, queda de 59,7% na comparação com o mesmo período de 2021. De acordo com a empresa, a baixa aconteceu após reflexo da maior pressão de custos e, principalmente, pela companhia ter apresentado o melhor resultado de sua história na base comparativa de 2021. O Ebitda ajustado, que mede o resultado operacional, foi de R$ 3,6 bilhões, queda de 39,3%, A receita líquida totalizou R$ 18 bilhões, recuo de 16,7% na comparação com igual período de 2021.

BRADESCO FIRMA PARCERIA E COMPRA 51% DA BV DTVM

O Bradesco comunicou ao mercado no dia 28 uma transação com o Banco Votorantim para a formação de uma gestora de investimentos independente, que terá marca própria, ainda a ser definida. Pelo acordo, o Bradesco, por meio de uma de suas controladas indiretas, comprou 51% da BV DTVM. Essa unidade nasceu a partir da operação de gestão de recursos de terceiros e de private banking (público de altíssima renda) do BV. A nova sociedade terá autonomia na gestão de recursos e será focada em fundos estruturados e líquidos de alto valor.

POR **VITORIA SADDI***

BRASIL DO FUTURO TEM NOME: CHINA

Desde 1995, exportações brasileiras para Pequim cresceram 75 vezes

A relevância da China para o crescimento da maioria dos países é inegável. Até o final deste ano, espera-se que a economia chinesa apresente crescimento de 7% sobre 2022. Para o Brasil, a importância da China tem duas vertentes. A primeira, e mais óbvia, é do comércio bilateral. As exportações brasileiras para o país asiático passaram de US$ 1,2 bilhão (1995) para US$ 90 bilhões (2022) enquanto as importações de lá para cá saltaram de US$ 1 bilhão (1995) para US$ 60 bilhões (2022). Nos anos 90, o crescimento chinês impactou profunda e positivamente a economia brasileira, sobretudo devido ao maior volume de exportação. Além da soja, a China é o principal mercado para o minério de ferro produzido no Brasil pela Vale.

A segunda vertente é o fato de a China ser um dos países que mais investiram no Brasil nos últimos dez anos. O investimento direto cresce de forma considerável. Teve alta de 208% em 2021 em relação ao ano anterior, atingindo a cifra de US$ 5,9 bilhões. O montante foi o maior desde 2017. De 2005 a 2021, o Brasil absorveu quase metade dos investimentos chineses na América do Sul, ocupando a liderança entre os países da região.

A partir de 2011, com a crise financeira nos EUA e a [então] brutal queda de juros americana, a China passou a procurar países com possibilidade de investimento que propiciasse uma taxa de retorno maior do que a taxa de juros dos EUA — importante ressaltar que a China continua sendo o maior detentor de títulos do tesouro americano, ainda que a participação venha caindo. O fluxo nos EUA, na Europa e na Austrália cai desde 2017 devido às barreiras que estes países estão impondo, sobretudo nas áreas de tecnologia de ponta. Cabe ressaltar que o crescimento deles no Brasil foi muito superior à expansão dos investimentos da China no mundo.

Desde a pandemia, houve temor sobre a manutenção do forte ritmo asiático. Em 2022, o crescimento foi de 3%, modesto devido à imposição da política de Covid Zero. Com o término dessa política, no final de 2022, as bolsas da China registraram altas significativas e espelham as elevadas expectativas de crescimento do país a partir deste ano. Os especialistas em China nos EUA acreditam e defendem a ideia de 'decoupling' do mercado chinês da dinâmica maior do dólar e dos EUA. Ou seja, o crescimento da China não será muito impactado pela eventual desaceleração de EUA, Europa e Inglaterra.

Esse novo cenário deve impactar, inclusive, o comportamento de investidores. Muito embora estejamos mais acostumados a investir nossos recursos em empresas brasileiras, vale a pena considerar que uma pequena parcela dos portfólios seja destinada a outros mercados, como o da China. Há diversas formas de utilizar estas informações, e levanto algumas opções. Por exemplo: sabendo que existe uma correlação elevada e positiva entre o preço de minério de ferro e as ações da Vale, e acreditando que a alta do minério deva continuar em 2023, podemos pensar em alocar parcela dos investimentos em ações da companhia. Outra opção para explorar a elevação dos preços de commodities (não somente minério) é a alocação em algum fundo de commodities. Pode-se pensar que o crescimento da China deverá provocar alta dos índices de bolsa asiáticas. Assim, comprar ações de empresas ligadas ao crescimento chinês pode se mostrar uma boa estratégia.

Nos últimos anos temos observado um papel mais proativo da China no rol da arquitetura geopolítica mundial. Em 2015, o país liderou a criação do New Development Bank, conhecido como Banco do Brics. Junto de Brasil, África do Sul, Índia e Rússia, tal agência de fomento já aprovou US$ 30 bilhões em projetos de investimentos em meio ambiente, infraestrutura básica (esgoto e água potável) e digital.

Pouco a pouco, notamos o estabelecimento de um grande bloco geopolítico de países que, por diversas razões, buscam distanciamento do dólar e dos EUA. Talvez seja oportuno investir em parcerias como essas, que exploram novas rotas para o desenvolvimento. Na próxima viagem do presidente Lula a Pequim, no final deste mês, iremos possivelmente testemunhar a presença de temas como meio ambiente, inclusão digital e acordos bilaterais de comércio. Existe uma nova história que começa a ser contada. E nela há espaço para o Brasil ser o protagonista.

**VITORIA SADDI é estrategista da SM Futures. Dirigiu a mesa de derivativos do JP Morgan e foi economista-chefe do Roubini Global Economics, Citibank, Salomon Brothers e Queluz Asset, em Londres, Nova York e São Paulo. Também foi professora na California State University, na University of Southern California e no Insper. É PhD em economia pela University of Southern California. Com este artigo, passa a ser colunista da DINHEIRO.*